

na coroa

ILUSTRAÇÃO



EDUARDO VIII, rei da Grã-Bretanha, da Irlanda, dos Domínios Britânicos de Além-Mar,
Defensor da Fé e Imperador da Índia

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quanto sobre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade
— Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica
— Géneros alimentícios — Lavagens — Colas —
Vernizes — Higiene — Conservas — Animais do-
mésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas
e cimentos — Socorros de urgência — Lances e
passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Te-
cidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . Esc. 30\$00

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Excursões a preços reduzidos ao Triângulo de Turismo e ao Estoril com refeições nos hotéis de Estoril e Sintra

Nas estações de Cais do Sodré ou Lisboa-Rossio estão à venda, diariamente, para estas excursões os bilhetes seguintes a preços reduzidos:

— De Cais do Sodré a Estoril-Sintra-Rossio, com direito a almoço no Estoril e jantar em Sintra, ou vice-versa

Por passageiro { 1.^a Classe..... 48\$00
2.^a Classe..... 42\$00

— De Cais do Sodré a Estoril e volta, com direito a almoço e jantar no Estoril

Por passageiro { 1.^a Classe..... 45\$00
2.^a Classe..... 39\$00

— De Cais do Sodré a Estoril e volta, com direito a almoço ou jantar no Estoril

Por passageiro { 1.^a Classe..... 30\$00
2.^a Classe..... 25\$00

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

GOTOSOS e REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podéis acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a GÔTA, a SCIÁTICA
os REUMATISMOS
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artrítica
É o único frasco bastará para vos conhecer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

ESTA NOVA CÊRA DÁ FRESCURA ÀS FACES ENVELHECIDAS

Uma senhora de 40, ou mesmo de 50 anos, não deve resignar-se e afligir-se com uma epiderme áspera, seca e pouco atraente. Descobriu-se uma cera que possui propriedades verdadeiramente maravilhosas para fazer voltar a juventude a um rosto estragado e conservar a frescura e delicadeza da pele. Esta cera conhecida pelo nome de Cire Aseptine, penetra directamente na camada exterior da epiderme áspera, rugosa, coberta de manchas e de imperfeições. Amolece-a e solta-a de tal maneira que, lavando o rosto de manhã, cai, em pequenas partículas, gradualmente, em fragmentos imperceptíveis e minúsculos. À medida que a nova pele, que se encontrava oculta, aparece, produz-se uma mudança notável no rosto, pois a Cire Aseptine não só destrói a velha pele áspera



mas embeleza a nova, dando-lhe a frescura da juventude. A Cire Aseptine, encontra-se à venda em quasi tôdas as perfumarias e nas boas casas do ramo.

Não encontrando, dirija-se à Agência Aseptine - 88, Rua da Assunção, Lisboa - que atende sem demora. Não dando resultados satisfatórios o seu emprêgo, reembolsamos o seu custo.



Contra
todas as
dores

Cafiaspirina

Encontra-se à venda a 5.^a edição desta obra admiravel

PÁTRIA PORTUGUESA

Obra louvada em portaria do Govêrno de 20 de Dezembro de 1913
e aprovada para prémios escolares por despacho ministerial de 23 de Julho de 1914

Capa a côres de **ALBERTO DE SOUSA**

1 vol. de 336 págs., broch., **Esc. 12\$50** — Pelo correio à cobrança **Esc. 14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

COLECCÃO FAMILIAR **P. B.**

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrificio, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de familia, educadora de filhos e escriptorio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Divida de honra
Casa de familia
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciencia
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ESTÁ QUASI ESGOTADO

Almanaque Bertrand

para **1936**

37.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas
Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 págs., ornado de 407 gravuras, cartonado **10\$00**
Encadernado luxuosamente **18\$00**

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um novo romance de Guido da Verona

CLÉO

ROBES ET MANTEAUX

Tradução de **CAMPOS LIMA**

Capa a côres de **ALFREDO MORAIS**

Original e curioso romance em que se revela mais uma faceta do brilhante espírito do perturbador e fascinante romancista italiano

FANTASIA — GRAÇA — IMPREVISTO

1 volume de 286 páginas **Esc. 12\$50**

Pelo correio, á cobrança **Esc. 14\$00**

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

À VENDA A 4.^a EDIÇÃO

Donas de tempos idos

pelo CONDE DE SABUGOSA

D. Maria Pia, a «Ribeirinha» — D. Beatriz, Condessa de Arundel e de Huntingdon — D. Leonor de Áustria — D. Beatriz de Sabóia — As metamorfoses da Infanta — D. Francisca de Aragão — El-Rei D. Sebastião e as mulheres — Catarina de Bragança, Infanta de Portugal e Rainha de Inglaterra — D. Isabel de Portugal.

1 vol. de 332 págs., broch. **12\$50**
Pelo correio à cobrança **14\$00**



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A 5.^a edição, de novo revista

10.^o MILHAR

SENHORA DO AMPARO

POR

ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa
e da Academia Brasileira de Letras

DOIS PERFIS:

- Um curandeiro de obsessos.
- Um cura de almas.

1 volume de 250 págs. broch. **12\$00**
encad. **17\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Minerva Central

LIVRARIA, PAPELARIA
e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante
da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as
principais casas editoras de ESPANHA,
FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA,
ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do CÓDIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"
e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros
para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques
na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório
dos melhores fabricantes europeus e americanos

**TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO
E FABRICO**

DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212 End. Teleg. MINERVA

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

À VENDA

a 3.^a edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituído por Afonso Lopes Vieira

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado **15\$00**
Pelo correio, à cobrança **16\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A insónia Rouba o encanto e a beleza

A
OVOMALTINE



assegura-lhe um sono natural

O maior inimigo da beleza é a insônia. O seu espelho cêdo reflete o resultado do cansaço de noites perturbadas; os olhos perdem o brilho, o rosto enche-se de rugas e perde a frescura da saúde.

Lembre-se de que um sono saudável é essencial para manter o seu perfeito equilíbrio físico, do qual depende o seu bom parecer, o seu encanto e vivacidade. E o meio mais seguro para produzir um sono natural e reparador é tomar a deliciosa Ovomaltine todas as noites.

Longas experiências tem provado, e uma enorme quantidade de testemunhos espontâneos confirmam, que a Ovomaltine é a melhor bebida alimentar para assegurar um sono tranquilo. Fornece em abundância os elementos restauradores para acalmar os nervos e o cérebro e rapidamente produz um sono profundo e restaurador, do qual se acorda no dia seguinte cheio de energia e vitalidade, sentindo-se mais bem disposta e de melhor parecer.

Há só uma Ovomaltine, nada há que a substi-

tua. Tem-se tentado, muitas vezes, imitá-la, mas há sempre diferenças importantíssimas:

A Ovomaltine não contém açúcar comum para diminuir o preço em prejuízo da qualidade. Ovomaltine não é uma farinha nem uma simples mistura. Não contém chocolate nem uma grande percentagem de cacau.

Cientificamente preparada dos melhores alimentos que a natureza nos oferece: leite, malte e ovos, a Ovomaltine contém todos os elementos necessários para o desenvolvimento do corpo, do cérebro e dos nervos.

Por todas estas razões a Ovomaltine marca, por si só, um lugar—é a melhor bebida alimentar e a mais largamente consumida em todo o mundo.

Qualidade acima de tudo! Exija

OVOMALTINE

A venda em todas as farmácias, drogas e mercearias em embalagens de 1,1 lata, 1/2 lata e 1/4 de lata

DR. A. WANDER, S. A. BERNE

Únicos concessionários para Portugal:

ALVES & C^ª (Irmãos)—RUA DOS CORREIROS, 41-2.—LISBOA

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

Os acontecimentos dos últimos quinze dias foram dominados pela notícia da morte do rei Jorge V, ocorrida no seu castelo do Sandringham.

O Império britânico veste luto pesado. E este luto não é simples manifestação convencional, mas exteriorização dum sentimento profundo e sincero.

Nenhum povo sabe amar os seus soberanos como o povo inglês. Ama-os com carinho, sem o fanatismo dos alemães pelo seu Kaiser ou pelo seu «Führer», nem a malevolência dos latinos para todos que ocupam posições eminentes.

Neste país estruturalmente constitucional — e que não possui uma Constituição na rigorosa acepção do termo — o rei tem um papel cheio de nobreza e elevação. É o símbolo vivo do Império, o traço de união entre os povos que o compõem, o remate da cúpula desse gigantesco edifício que é a Comunidade britânica.

Jorge V tem o mérito de ter sabido interpretar esse papel com a maior dignidade. As suas mensagens aos cidadãos do Império — peças de oratória notáveis — estão impregnadas do espírito paternal e afectivo que convinha ao chefe duma grande nação de homens livres.

Diz-se que a sua grande ambição após o armistício era ser designado por «o rei da paz». Sem abandonar a reserva constitucional, não cessava de insistir com os seus ministros para que evitassem a guerra a todo o custo.

Agora que a morte o levou, o mundo parece mais cheio de ansiedade do que nunca.

Eduardo VIII sobe ao trono num momento particularmente inquieto. Este facto realça o valor do seu sacrifício, aceitando o officio de reinar para o qual, no dizer de muitos, não se sentia atraído.

Diz que foi Leopoldo III quem, durante uma das suas recentes viagens a Inglaterra, dissipou as últimas hesitações do novo rei, fazendo-lhe ver o caminho iniludível do dever — a consagração ao serviço do povo.

Muito antes do Rudyard Kipling morrer e quando o seu estado ainda não se considerava grave, a Academia Brasileira votou uma moção de pesar pelo falecimento do grande poeta.

A notícia, que respigamos dum jornal francês, não teria importância de maior se não se desse a coincidência de a morte de Kipling ter sido anteriormente anunciada várias vezes no Rio de Janeiro e S. Paulo. De todas elas foi o próprio escritor que se encarregou do desmentido, escrevendo:

«Julgo ter razões pessoais bastante sérias para dizer que a notícia é prematura».

CRÓNICA DA QUINZENA

Não é de admirar depois disto que os brasileiros tenham recebido com certa desconfiança a notícia verdadeira.

Um dos sintomas mais animadores deste começo de ano é a inauguração de carreiras aéreas que passam a ligar Lisboa a Madrid e Londres, e por intermédio destas capitais a toda a rede de carreiras da aviação da Europa.

Portugal dá assim um passo importante na direcção do continente a que pertence, encurtando a distância que dele o separa.

Não nos parece ser este um facto de somenos importância. As suas consequências serão de certo consideráveis na revivificação do nosso ambiente e da nossa cultura.

Vai sendo tempo de pormos termo ao que podemos chamar, com triste ironia, o nosso «esplendido isolamento».

Vários jornais se têm referido ultimamente aos apedrejamentos de comboios. A «Gazeta dos Caminhos de Ferro» publicou mesmo a este respeito uma impressionante estatística que põe em evidência a extensão do mal.

Estamos em presença dum grave problema contra o qual a acção repressiva das autoridades é insuficiente. Não basta punir os que o fazem: é preciso aumentar o nível de compreensão do povo para que este triste indicio do nosso atraso desapareça de vez.

Tudo se resume num problema de instrução. O número destes atentados há-de variar na razão directa da taxa do analfabetismo. E só atacando o mal nas suas causas se chegará a extinguí-lo.

O que se passa actualmente no Extremo Oriente não é por certo menos grave do que os acontecimentos da Europa. Só a perspectiva lhe reduz as proporções, fazendo-nos concentrar as atenções quasi exclusivamente no que se passa ao pé da nossa porta.

O Japão continua a digerir a China. O seu processo de deglutição encontra-se agora numa fase activa, caracterizada pela autonomia das províncias do Norte e pela situação incerta da Mongólia Interior, que não se sabe ao certo se proclamou a independência ou não.

Atribue-se ao Japão o propósito de proclamar Pu-Yi, actual chefe do Estado da Mandchuria, imperador de toda a China. Seria esse o passo decisivo para a hegemonia nipónica na Asia.

A política interna do Império do Sol Nascente apresenta-se confusa. Vai proceder-se às eleições parlamentares e realizar-se-ão novas eleições. Mas isto que seria duma importância fundamental num país europeu não tem no Japão a menor influência na marcha da política de expansão imperialista que procede independentemente.

Que sairá de tudo isto? Há quem pense que o povo chinês — cuja espantosa vitalidade é um surpreendente mistério étnico — acabará por absorver os seus conquistadores de hoje. Mas daqui até lá terá assimilado a sua civilização e constituirá um perigo não menor para os povos da raça branca.

O trágico destino do carpinteiro alemão Hauptmann, que tem estado a dois passos da cadeira eléctrica, sob a acusação de ter raptado e morto o filho de Lindbergh, continua a preocupar muitas consciências.

No meio da perturbação geral só o condenado se mostra sereno, confiante em que os factos se vão de pronunciar finalmente a seu favor.

Estará inocente? Se o não está que assombrosa coragem a deste homem que arrosta a suprema expiação mentindo sem um desfalecimento.

Mas se fala verdade... Se de facto não interveio no crime de que o acusam... A hipótese é terrível e dela só há que tirar uma reprovação formal da pena de morte, que torna irreparáveis os erros judiciários.

A Alemanha continua a desenvolver o seu plano de ataque sistemático contra o Tratado de Versalhes cujos objectivos é agora a re-militarização da Renânia.

A França sente despertar os seus alarmes e, segundo se anuncia, protestou já oficialmente contra esta nova violação do Tratado. Mas é de supor que não será mais bem sucedida desta vez, do que o foi das anteriores.

O problema mais angustioso da Europa, no momento actual, consiste em saber até que ponto a França estará disposta a contentar-se com meros artificios diplomáticos.

Caíu o governo Laval, o que não causou surpresas. De facto, a crise provocada pelos radicais-socialistas era esperada há já longo tempo.

O Presidente Lebrun conciliou as suas tendências com as obrigações que a Constituição lhe impõe, confiando a constituição do novo ministério a Albert Sarraut.

Verifica-se, porém, que o poderoso partido radical-socialista está pouco disposto a tomar as responsabilidades do Poder em toda a sua extensão. E, assim, a pasta dos Estrangeiros foi entregue a Flandin, por entre gerais aplausos.

M. R.



Uma esquadrilha de aviões de caça britânicos em voo de formação

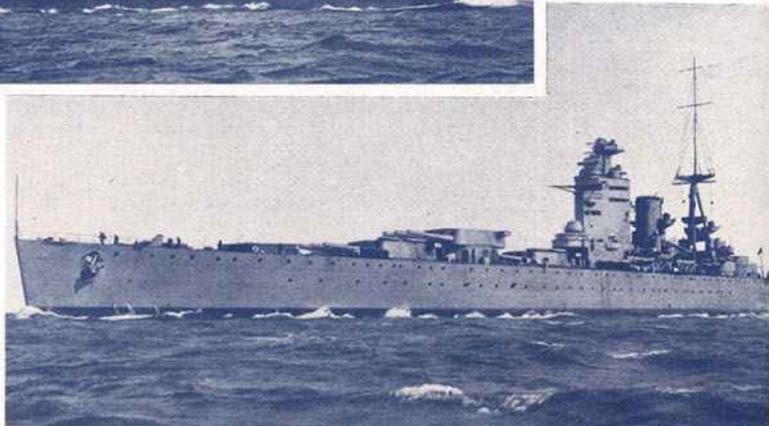
tempos. O ponto nevrálgico é, neste caso, como não podia deixar de ser, o Mediterrâneo, esse belo mar que se estende entre a Europa e a África e que a natureza dotou de condições estratégicas excepcionais. É aí que os interesses italianos e ingleses colidem e nessa direcção tem, portanto, de se exercer a pressão que tenta romper a gigantesca armadura que o Império britânico há longo tempo ergueu em volta daquele mar interior.

Digamos desde já que não pertencemos ao número dos que não julgam possível — provável mesmo — essa hipotética guerra. Os factos podem desmentir o nosso optimismo que não deixa por isso de se fundamentar no bom senso — não apenas na-



Tem-se falado ultimamente com insistência na possibilidade duma guerra europeia. A tensão anglo-italiana, provocada pelo conflito etíope, criou um ambiente de nervosismo propício à eclosão de incidentes e mal-entendidos. Uma formidável preparação militar e naval está sendo levada a efeito, na previsão de todas as hipóteses. E tudo isto é de molde a justificar os receios e os excessos da imaginação manifestados nos últimos

Os grandes couraçados ingleses: à direita o «Hood», em cima, o «Rodney»



HIPÓTESE TERRIVEL

Uma guerra no Mediterrâneo?

quele que nos atribuímos, mas também no que coube em partilha à grande nação latina, já que não há que falar no provado são juízo dos nossos amigos ingleses.

Na realidade, os mecanismos da guerra são imprevisíveis. Em rigor, a sorte das armas é sempre uma incógnita. O progresso dos meios da guerra faz entrar em jogo factores ignorados, que por vezes se compensam e cuja eficácia contraria com frequência os cálculos. Mas tanto quanto é possível formar-se neste caso um juízo, pode dizer-se que a Itália se exporia a um malogro certo e de terríveis consequências.

O poderio naval da Grã-Bretanha no Mediterrâneo está, de facto, assente em bases de tal modo sólidas, que toda a dúvida a este respeito se torna inadmissível.

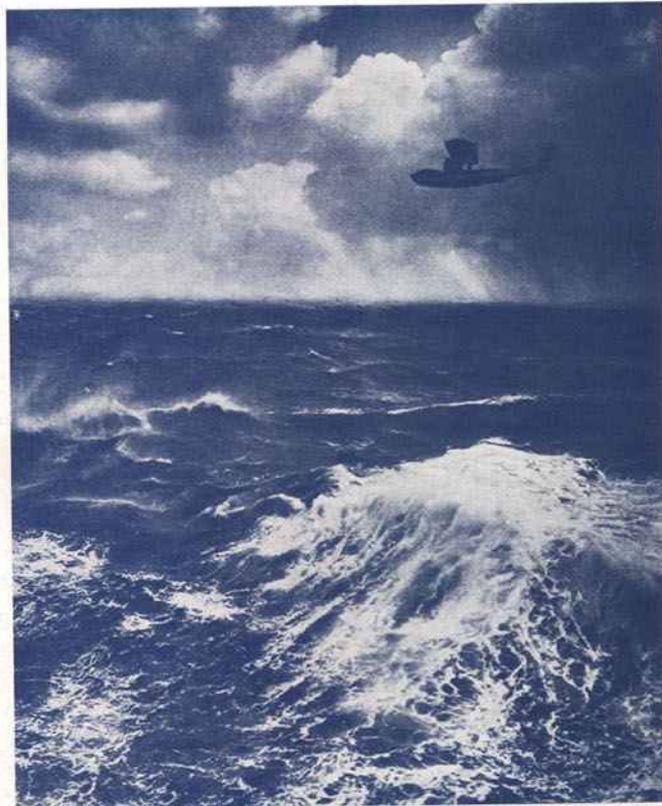
Há a aviação, diz-se. É sem dúvida um elemento preponderante no jogo, mas incapaz só por si de garantir a vitória. Malta, a dois passos da península, seria uma presa fácil. Algumas esquadrilhas de bombardeamento italianas chegariam lá em meia hora de voo e não teriam dificuldade em a cobrir de destroços. E depois? O Almirantado inglês previu esse caso. Afirma-se que foi mesmo considerada a hipótese de abandonar essa base naval que as condições da guerra moderna fizeram perder todo o valor estratégico. O resultado seria, portanto, mediocre — sem finalidade prática, pelo menos.

Uma agressão de surpresa contra Alexandria não teria melhor êxito. Há que contar aqui com uma distância muito mais considerável, o que reduz consideravelmente a eficácia do ataque. Além disso, Alexandria está em condições de resistir longamente. Uma série violenta de bombardeamentos poderia cau-

sar-lhe terríveis prejuízos sem, contudo, aniquilar a sua capacidade de resistência. Tenha-se ainda em conta que, se a aviação progrediu, o mesmo sucedeu de certo modo com a defesa anti-aérea. Alexandria está, sob este ponto de vista, admiravelmente preparada e as esquadrilhas de caça britânicas estacionam perto. A agressão não ficaria, portanto, impune e o resultado poderia ser mesmo para os italianos objecto de desagradáveis surpresas.

Não há que considerar a hipótese dum bombardeamento de Gibraltar. Um ataque aéreo a essa fortaleza britânica, tanto pela distância a que se encontra como pelas condições da sua defesa, seria um mero acto platónico. Os aviões italianos teriam de vencer um longo percurso antes de atingir aquele objectivo, o que reduz, na razão directa, as suas capacidades ofensivas. Note-se que a Itália não possui nenhum porta-aviões e que a Inglaterra tem quatro, o «Eagle», o «Courageous», o «Furious» e o «Glorious» que deslocam 22.000 toneladas cada um e marcham à velocidade de 30 nós por hora.

Restaria à Itália interceptar as comunicações entre o Mediterrâneo oriental e o ocidental. Ser-lhe-ia fácil consegui-lo, uma vez esmagada a resistência de Malta. Os seus submarinos e aviões estabeleceriam uma linha dificilmente transponível entre a península e o norte de África. Mas esse corte de comunicações só duraria o tempo que durasse a resistência da Itália. Esgotadas as suas reservas de combustíveis e carburantes, o seu reabastecimento tornar-se-ia impossível. Abstraindo mesmo da fidelidade das outras nações mediterrâneas aos princípios do



Pacto, a Itália veria cortadas todas as suas vias de comunicação marítimas, que em caso algum poderiam ser substituídas pelas comunicações terrestres. Os seus navios petrolíferos, mesmo admitindo que obtivessem a aquiescência da Roménia para se fornecerem naquele país, não poderiam atravessar incólumes as ilhas do arquipélago grego, onde os contratorpedeiros e submarinos ingleses não deixariam de exercer activa vigilância.

Resta um aspecto do pro-

blema de palpitante interesse: a situação das grandes unidades da marinha de guerra perante a aviação de bombardeamento. Nos couraçados modernos, a defesa anti-aérea tem sido especialmente cuidada. Há ainda um último aspecto da questão. Vimos já que, segundo tudo leva a crer, a Itália seria impotente para romper o sistema defensivo britânico no Canal do Suez. A abertura das hostilidades no Mediterrâneo significaria, pois, para a Itália a interrupção das comunicações com a África Oriental. Qual seria o destino dos 200.000 homens que invadem a Etiópia, no dia em que ficassem privados do abastecimento de munições e carburantes? Perdido o contacto com a mãe-pátria, estariam sujeitos à mais trágicas das hecatombes que a História registra.

Neste conjunto de factos se baseia a nossa convicção do que a guerra no Mediterrâneo não chegará felizmente a tornar-se realidade. A sabedoria milenária da raça latina permitirá ao povo italiano reconhecer a tempo o abismo para onde pretendem conduzi-lo, e evitá-lo. A rotura de hostilidades no Mediterrâneo seria a suicídio irremissível da Itália. Ora os indivíduos e os regimes podem cometer o suicídio, mas os povos de gloriosas tradições como o italiano, possuem reservas milenárias do bom senso, que se revelam, por vezes, da forma mais inesperada.

Sobre as ondas revoltas, o avião de bombardeamento avança, para o seu objectivo

A morte de Rudyard Kipling

FALHEOU em 17 do mês findo um dos escritores do que a Inglaterra mais se orgulha — Rudyard Kipling.

Contista admirável e poeta cheio de veemência, ocupava no mundo das letras britânicas um lugar do primeiro plano. Ainda no dia 31 de Dezembro último celebrara os seus 70 anos, o que servira de pretexto a uma verdadeira consagração por parte dos seus inúmeros admiradores em todo o mundo.

Nascera em Bombaim. Ai fez os estudos elementares, após o que partiu para Inglaterra afim de completar a sua educação. O seu temperamento inquieto não se adaptava, porém, ao viver monótono da metrópole. Precisava doutro campo de acção, de cenários diferentes. Por isso aos 17 anos regressou à Índia e instalou-se em Lahore.

Fez ali uma carreira mais do que modesta num jornal intitulado «Gazeta Civil e Militar». Começou como simples empregado, passou depois a revisor e chegou por fim a redigir pequenas notícias. Empreendeu então a publicação de alguns contos, que tiveram um acolhimento melhor do que ele poderia esperar. Reuniu os seus trabalhos num livro a que deu o título de «*Simple contos das Colinas*». Foi o começo da sua carreira literária.

Animado por este êxito publicou mais livros. A breve trecho era um escritor de renome na Índia. Mas continuava a ser pouco conhecido em Inglaterra. «A luz que se apaga», foi o seu primeiro livro que atravessou os mares e causou certa sensação. O público inglês interessou-se, discutiu e os editores londrinos não perderam a oportunidade de tornar conhecidas as obras já publicadas em Calicut.

Kipling sentira-se sempre inclinado à poesia. Apesar da sua celebridade se ter feito com obras de prosa, publicara já em 1886 algumas pequenas peças satíricas em verso. Estimulado pelo favor crescente do público, lançou em 1892, ano do seu casamento, uma colectanea de poesias intitulada «*Canções da Caserna*», que o revelou tão grande poeta como novelista.

A sua obra mais conhecida foi publicada em 1894. É o célebre «*Livro da Selva*» de que se venderam milhões de exemplares em todo o mundo e em especial nos países da língua inglesa. Um ano depois Kipling publicou o «*Segundo livro da Selva*», que seguiu a triunfal esteira do anterior.

Viajante infatigável, percorreu o mundo em todos os sentidos. Conhecia toda a Índia, visitou a China, percorreu a América, esteve na Birmânia. Nenhum recanto do vasto Império britânico lhe era estranho. Viajava como escritor que era, recolhendo impressões, colecionando personagens, que reproduzia nos seus livros com realismo e pitoresco. Tinha o culto juvenil da força e da audácia, o que explica a sua popularidade entre a juventude. Por isso também cantou com lirismo as aventuras dos pioneiros que lançaram os alicerces do grande Império nos quatro cantos do globo.

Em 1914, no começo da grande guerra, a Inglaterra hesitava sobre o partido a tomar. Kipling consagrou-se deliberadamente à defesa da França. Pôs a sua pena vibrante ao serviço

dessa causa e entre as obras que escreveu conta-se «*Poema à França*», em que exalta com lirismo a grande nação latina.

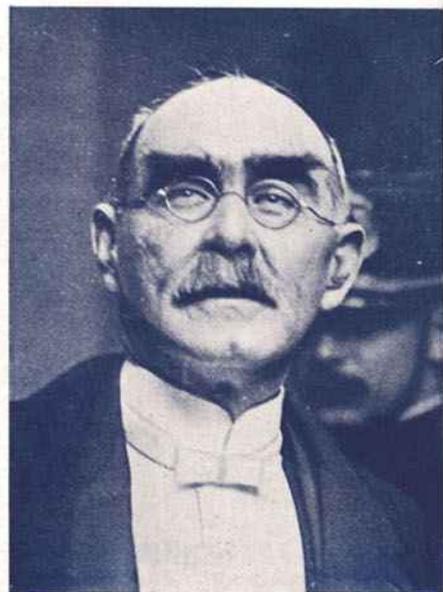
Kipling tinha um filho único que contava por essa altura 18 anos apenas. Era todo o seu enlevo e não foi sem angústia que o pai o viu partir com o corpo expedicionário britânico em que se alistara como voluntário. O herdeiro do seu nome glorioso não devia voltar da trágica carnificina; ceifou-o uma bala nos campos de Flandres.

O poeta isolou-se então na sua dor. Parecia desinteressado de tudo. Publicou, contudo, ainda alguns livros, embora mais espaçados. A sua actividade afrouxara, mas o seu estilo conservava a mocidade e ardor dos primeiros anos. O seu último livro, formado por uma série de contos e poemas, foi publicado em 1932.

A sua actividade literária foi consagrada em 1917 com o Prémio Nobel. Diversas Universidades lhes prestaram homenagem nomeando-o doutor *honoris-causa*.

Os livros de Kipling encontram-se traduzidos em quasi todas as línguas. Em toda a parte são recebidos quasi como obras clássicas. As suas edições sucessivas produziram ao poeta uma receita considerável. Kipling deixou por morte uma fortuna avaliada em 750.000 libras esterlinas.

Kipling surpreendido por um fotografo indiscreto, junto do túmulo do seu filho



São numerosas as aneddotas que se contam relativas ao poeta. Citemos uma que circulou largamente por ocasião do seu 70.º aniversário.

Kipling foi um mau estudante. Desdenhava as ciências e já se revelara entre os seus colegas como um contista brilhante que todos escutavam com prazer. Os livros escolares não lhe mereciam grandes cuidados e não hesitava, nos momentos de apuro, em se desfazer deles para conseguir algum dinheiro. Quando isto se soube, os colecionadores de autógrafos correram à localidade onde o jovem estudante vivera e dirigiram-se para o alfarrabista da terra. Ainda se encontrava à testa do estabelecimento uma simpática velhinha que conhecera Kipling e dele se lembrava. Interrogada, exibiu vários livros que haviam pertencido ao poeta. E enquanto os colecionadores os folheavam ansiosos, explicou com candura:

— Estão muito bem conservados. Tinham aí muitas coisas escritas mas limpei tudo com a borracha.

Kipling tinha a mesma idade de Jorge V, que poucos dias lhe sobreviveu. Foi sepultado na Abadia de Westminster, na cripta reservada aos grandes poetas. O seu funeral, se não teve grande imponência, por motivo de ter sobrevivido o falecimento real, constituiu no entanto uma significativa homenagem a que se associou toda a «elite» intelectual da Grã Bretanha.

Só depois da sua morte se tornou conhecido que o poeta legára há dez anos ao British Museum o original do seu famoso livro «*Kim*». O poeta determinára, porém, que a dádiva se conservasse secreta enquanto ele fôsse vivo, o que foi respeitado. Dado o preço por que os colecionadores pagam os manuscritos de Kipling, a oferta feita ao Museum de Londres representa um valor considerável, além de todo o interesse histórico que oferece.

Como homenagem à memória do poeta, a direcção do Museum resolveu expor esse manuscrito ao público.

Kipling exerceu grande influência sobre os escritores do mundo inteiro. Ainda recentemente Alexandre Arnoux e Claude Farrère confessavam ter recebido a sua influência. E a que maior elogio pode aspirar um escritor?

Digamos ainda, para terminar, que a morte de Kipling foi dolorosamente sentida pelos escoreiros de todo o mundo que o consideravam de certo modo, seu patrono espiritual.

A CELEBRIDADE DO PINTOR MARTIN

Há tempos, uma revista lisboeta orgulhava-se de contribuir para a iconografia de António Nobre com a publicação de um retrato rigorosamente inédito do saudoso poeta.

E, salientando o valor deste documento de rara estimação, dava mais estes esclarecimentos:

«Feito a lápis Faber, assina-o um modesto desenhista francês, Martin, que, impressionado com a inconfundível fisionomia do poeta doloroso do «Só», o apontou do natural a uma mesa do Suíço ou do Martinho, onde, quando em Lisboa, o vate errante da lusa melancolia costumava ir embalar a sua estranheza de parisiense exilado em Portugal, como procurava adormecer nos cafés de Paris a sua dolente saudade de lusiada desterrado no Bairro Latino».

Este retrato, recolhido cuidadosamente por Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, encontrava-se na posse da viuva do malogrado artista.

Mas, afinal, quem seria o tal «modesto desenhista francês» que assinara «Martin» mais modestamente ainda?

O ilustre escritor e jornalista Oldemiro César, num recente artigo, desvendou este mistério. O retrato do grande e pobre Anto fôra traçado pelo lápis do glorioso pintor Carlos Reis.

Eis como o artista insigne respondeu ao jornalista que se obstinava em divulgar esta singular descoberta:

Meu amigo:

Não vejo inconveniente algum que se oponha à sua interessantíssima ideia de escrever um artigo em que figurem estas três personagens: um poeta, um pintor e um urso. Nada pôde ofuscar a memória do Poeta que foi António Nobre, lembrando o seu caracol à Lora Byron, ou a sua boca à Beaumarchais que tanto o preocupavam quando, a seu pedido, lhe fiz um pavoroso retrato a lápis, que passou mais tarde por ser obra do «célebre pintor Martin».

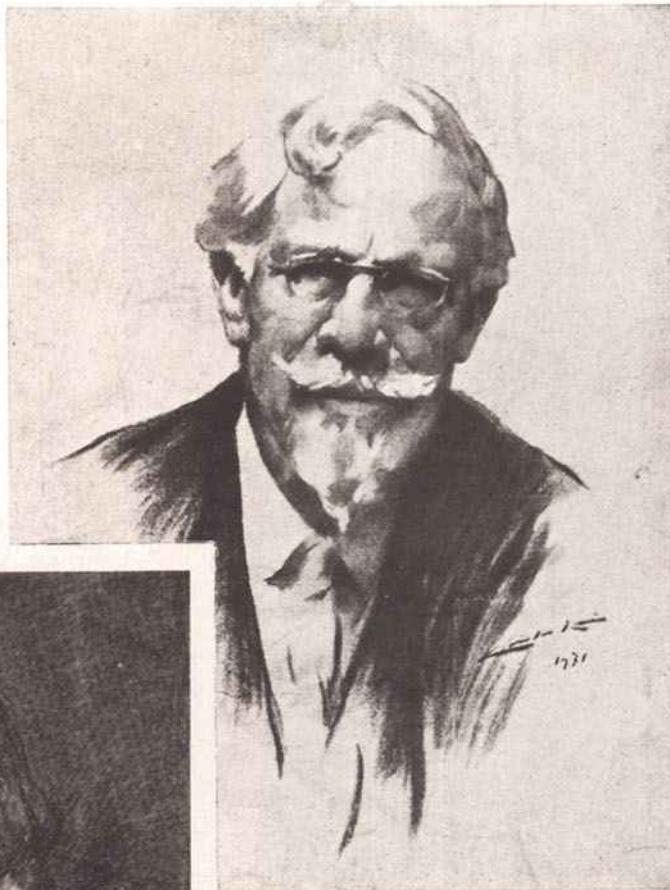
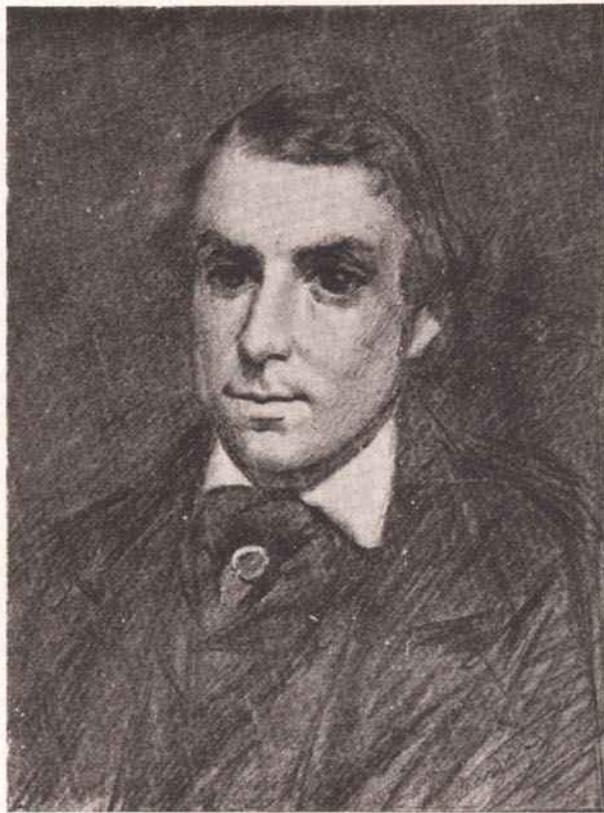
Nem tampouco à minha humilde obra pôde fazer mal, mais um calamitoso retrato no renque dos pêsames que da minha mão têm saído.

Se algum de nós três têm a perder com a publicação do seu artigo, esse será o caluniado Mr. Martin, urso pensionista do Jardim das Plantas de Paris, já falecido, a quem fiz atribuir a monstruosidade que eu desenhara, visto que eu fôra neste caso o urso, do exigentíssimo António Nobre, como Mr. Martin, era o urso dos frequentadores do Jardim.

Eu, fazendo as habilidades que o Nobre me impunha; êle, fazendo as que o público lhe exigia, a trópe de biscotos atirados para a jaula.

E afinal, tudo o que têm cerrado este medonho

retrato é uma formidável mentira, porque tendo sido eu o autor daquêlê crime artístico, atirei com as responsabilidades para cima do pobre urso, que nunca concorreu em coisa alguma para que eu fizesse borraheiras, nem tampouco para a celebridade de tal pintor, como lhe deu uma Ilustração de há muitos anos, na legenda que punha por baixo do retrato. E para



O retrato de António Nobre, assinado pelo misterioso Martin. — Em cima, o grande pintor Carlos Reis (autor-retrato)

cussão, sobre a pose a adoptar, o processo a escolher que melhor dêsse uma boa reprodução na gravura.

«Optou-se pelo lápis, o lápis prodigioso do grande artista, tão prodigioso como o seu carvão e os seus pincéis.

«Mas com que insuportável modelo Carlos Reis tinha de haver-se!

«A todo o momento eram recomendações, observações disparatadas, abandono da pose para ir espereitar o avanço do trabalho, que nunca o satisfazia.

«É a vaidade e o exibicionismo a manifestarem-se a cada passo, mal disfarçando os insólitos conselhos:

«— Não acha você que a minha boca se assemelha imenso à de Beaumarchais?

«— Não se esqueça dêsse meu típico caracol de cabelo, que Lord Byron também usava!

«O artista, irritado, enervado, desenhava e nada dizia. Até que, pronto o desenho, declarou vingativo:

«— Você, Nobre, foi um modelo como eu nunca mais quero ter na minha vida! Massacrrou-me, moeu-me como as crianças costumam moer o bom do urso do Jardim das Plantas a quem baptizaram com o nome de Martin. Pois é com esse nome estúpido e idiota que eu vou assinar êste trabalho que não me satisfaz! Ai o tem!

«E o seu lápis nervoso traçou o nome a um canto do desenho, ao fundo, quasi imperceptível...

«O Poeta não disse nada. Guardou o desenho, que não viria a aproveitar para o seu primeiro livro, mas calou-se sobre a sua autoria, deixando-o correr mundo sob aquela assinatura de humorística fantasia...».

que tudo fôsse mentira, êsse retrato do Nobre não se parece nada com o Nobre...

Voltei a vêr publicadê esse desenho, que fôra pararê ds mãos do Manuel Gustavo, numa Ilustração mais recente, e o articulista dizia ter sido desenhado por algum pintor mediocre e desconhecido à mesa de qualquer café.

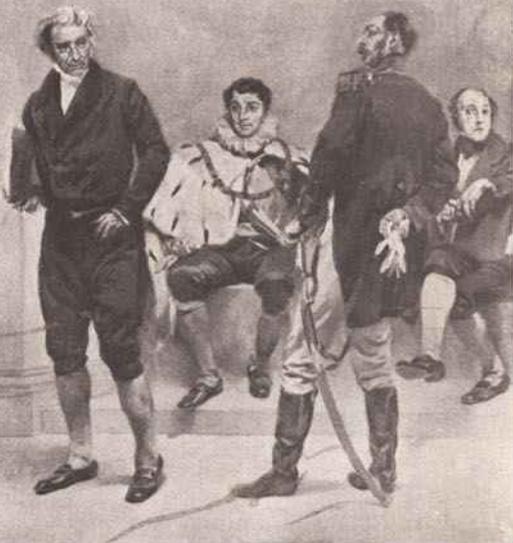
«Mediocre»! ? Pêssimo!

Disponha sempre dêsse seu amigo e admirador

Carlos Reis.

Devidamente autorizado, Oldemiro César relatou então que António Nobre «queria um retrato para o seu primeiro livro, um bom retrato que não fôsse uma fotografia, com um nome a subscrevê-lo, o nome de *alguem*, ou pelo menos que um dia viesse a ser *alguem*. E depois de inuteis tentativas junto de outros, à porta do estudante Carlos Reis fô-a bater.

«E o trabalho começou, depois de larga dis-



Monsieur da Silveira, Duque de Palmela, Duque de Saldanha e Silva Carvalho — quadro de Columbino

QUANDO em 1856 o marechal Saldanha cedeu o poder aos progressistas, não pensava apenas em voltar a ocupar-se da carreira diplomática, mas em realizar uma audaciosa incursão no perigoso terreno das ciências médicas. Em 1858 surgia arvorado em paladino da homeopatia, publicando com grande escândalo o seu famoso folheto "Estado da Medicina em 1858", em que se atrava aos médicos como Santiago aos moiros.

Relata o ilustre marechal no seu trabalho que dedica ao rei D. Pedro V e aos homens de consciência e superiores:

"Habitado a tomar banhos de água fria, tinha cedido às instâncias dos que os receavam no inverno, e havia tomado dois banhos de água tépida, quando, saindo do gabinete de Sua Majestade a Rainha, nosso símbolo, nosso estandarte, emblema das nossas liberdades, onde me tinha demorado mais de duas horas, não me resguardei do frio, apesar de estarmos no mês de Dezembro, não me lembrei dos banhos tépidos, e não abotei a sobrecasaca. Quando subia a calçada da Pampulha, senti um esfriamento no peito, como se me tivessem lançado uma grande porção de água fria. Chegando ao Quartel General (tinha nessa manhã morrido o meu bom amigo e camarada o conde da Fonte Nova) senti uma dor aguda no peito, logo depois todo o dia-gramma se ressentiu, mas a dor tornou-se fixa.

"Resultou uma pleurodinia, um tumor considerável apareceu depois sobre o lugar da dor. Repetidas vezes pedi que fosse aberto, mas o meu assistente, não obstante a flutuação que não só se sentia

pelo tacto, mas pela vista, demorou-se por mais de oito dias. As repetidas vezes que este caso tem sido tratado pela imprensa dispensa-nos de entrar nos seus pormenores. Entregue aos mais hábéis facultativos da capital (que a esta qualidade reuniam a de meus verdadeiros amigos, do que tantas provas recebi em todo o longo tempo que me trataram, pelo cuidado, assiduidade e interesse de que ainda hoje me apraz dar um público testemunho), a grande ferida que resultára da operação que tinha sofrido, continuou por muitos meses, apresentando cada dia pior aspecto. Estando em Sintra no fim do verão do ano de 1854, foi vêr-me o meu amigo dr. Polido (a quem a humanidade tanto deve pelo excelente estado a que tem levado o nosso hospital de lunáticos) e dizer-me que uma grande reunião de facultativos meus amig-

gos tinha tido lugar na véspera, e que êle tinha sido encarregado de me anunciar o interesse que tinham por mim, e que o resultado da sua conferência fora o ter-se julgado indispensável cortar-me o peito direito, e pôr sobre a ferida um cáustico para reanimar aquêles tecidos que se apresentavam em estado de atrofia pouco agradável. O peito direito assentava no lábio inferior da ferida, tornando muito difícil as applicações no lábio superior. Respondi com o bom humor que nunca me abandonou: "Bem sei, o que os senhores querem é comer um bife à minha custa. Façam de mim o que quiserem, sem embargo de me parecer que um cáustico no estado em que estou poderá produzir um tétano". Neste momento, um criado anunciou o coronel J. Horta, a quem acompanhava outro homem. Veio o coronel, hoje brigadeiro, e disse-me que o interesse que todos tinham pelo meu restabelecimento, tinha feito com que êle levasse consigo um cirurgião que acabava de chegar dos Açôres, a quem êle tinha visto fazer curas excelentes. Entrou o cirurgião que, na presença do meu amigo Polido, depois de examinar a ferida, me assegurou que em trinta dias estaria são, tomando trinta pílulas, que no fim de cinco dias a córdardácia da ferida desapareceria, que no fim de outros cinco a ferida apresentaria uma bela córd de rosa, depois rubra, etc., etc.; e desejando eu saber a composição das pílulas milagrosas, disse-me que eram

A ESPADA CONTRA O BISTURI

SALDANHA E OS MEDICOS

O glorioso marechal defensor da homeopatia

calomelanos. Não aceitei o tratamento, dizendo, que pôsto de sessenta e quatro anos, tinha os dentes firmes, e que não queria que a salvação os fizesse abanar, etc.

"A Providência, a quem tanto devo, permitiu que nessa noite me fôsse visitar o dr. Tavares de Almeida, que pouco depois morreu em Condeixa; contei-lhe o que tinha passado com o dr. Polido e com o cirurgião dos Açôres. O dr. Tavares de Almeida disse-me que nunca tinha emitido a sua opinião por eu nunca lhe haver falado nos meus padecimentos, mas que naquela ocasião a sua consciência ficaria gravada se não me dissesse que êle era médico de um hospital no Alentejo, que tomava conta dos doentes de cirurgia quando o cirurgião ia todos os anos a Lisboa tratar das suas demandas, e que quando voltava achava a enfermaria vazia; que o tratamento que êle empregava era o que Raspail estabelecia, e que me aconselhava que o seguisse depois de ter ouvido os meus assistentes. Respondi-lhe que isso não era necessário, porque êles tinham-me permitido fazer uso de um unguento que me tinham mandado de Roma, de outro que me tinham enviado de Nuremberg, do bálsamo que prepara o meu antigo camarada e amigo conde do Bonfim, e de outro bálsamo que fazia D. Pedro de Alarcão, enfim de todos os remédios caseiros que se tinham apresentado, até do tratamento pelo vinho da Madeira, recomendado pelo almirante Sartorius, e que por isso lhe pedia que receitasse imediatamente para mandar a Lisboa. No dia seguinte principiei o uso da cânfora, e regressan-



Marechal Duque de Saldanha

do à capital, entreguei-me aos cuidados dos srs. Sines e Alegre. No seu jornal têm o meu amigo Sines repetidas vezes feito vêr o tratamento que empregou no meu restabelecimento, e só acrescentarei o que disse no Tribunal da Boa Hora, quando ali fui testemunha. O sr. Sines foi o instrumento de que a Providência se serviu, pelo emprêgo do método de Raspail, para me conservar a vida que por tanto tempo se julgou em perigo iminente, e para me restituir o vigôr da mocidade.

O bravo marechal duque de Saldanha, investindo sempre contra a alopatia que considerava prejudicial à sociedade, apoiava-se nas opiniões de grandes médicos como Paracelso e muitos outros de idêntico quilate.

Dizia Paracelso: "E' um perfeito absurdo acumular tantas drogas simples na mesma receita. Desgraçado método! Só serve para corromper e deitar a perder as coisas que assim se juntam.

"Se compararmos o bem que meia dúzia de verdadeiros filhos de Esculápio têm feito sobre a terra, desde a origem da medicina, — afirmava Boerhave — se compararmos êsse bem com os males com que os doutores têm acabrunhado o género humano, não podemos deixar de concluir que muito melhor teria sido que a medicina não tivesse aparecido no mundo.

Frappart garantia: "Todos os vinte anos, o mais tarde, a escola muda de sistema: algumas vezes dois e três sistemas predominam na mesma escola; em suma, entre os médicos saídos da mesma escola, seguindo o mesmo sistema, é impossível achar quatro que estejam acordes junto ao leito do enfermo. A ciência está em anarquia; a profissão em decadência. Medicina, pobre ciência! médicos, pobres sábios! doentes, pobres vítimas!

O famoso Barthez saía-se com esta: "Nós médicos somos uns cegos que, de pau na mão, damos à direita e à esquerda; bem vai ao enfermo quando a pancada acerta na doença.

Pierre Franck não estava com meias medidas: "Peço aos governos que tornem os médicos responsáveis pelos milhares de mortes que fazem.

Sthal dizia que "de cada dez doentes que morrem, sete são mortos pela medicina.

Ante a investida do aguerrido duque de Saldanha surgiu o dr. Bernardino António Gomes, digno do nome e do talento de seu ilustre pai, que lhe jogou a seguinte carta aliás atenciosíssima:

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. duque de Saldanha: Recebi e li o que V. Ex.^a publicou com o

título de "Memória sobre o estado da medicina em 1858". Agradeço a V. Ex.^a a atenção que mereci nesta remessa, e alguma expressão lisonjeira que incidentalmente se dignou dispensar-me no corpo do escrito. Todo este favor, porém, sr. duque, não apaga a dolorosa impressão que me produziu a leitura do livro, que muito desejava, por V. Ex.^a, que nunca houvesse publicado.

Quasi do principio até o fim, V. Ex.^a escreveu debaixo da influência de falsas impressões, e talvez de algum despeito, que o tornam injusto, exagerado, apreciador infiel dos factos, e desapiedado até com uma classe, sobre a qual já não pesam poucos motivos de desalento.

A situação de V. Ex.^a, com toda a ha-



Saldanha na sua juventude

bilidade que Deus lhe deu, não pôde ser muito melhor neste objecto do que a do médico que nunca militou, e que tentasse escrever da arte da guerra, ou julgar os actos militares de V. Ex.^a

Não é dêsse modo que V. Ex.^a pode esperar ser de auxilio ao nosso illustrado monarcha e ao seu governo para melhorar o ensino e prática da medicina no nosso país. O caminho para isso é outro e mais parecido com o que V. Ex.^a seguiu, com tão bom resultado, para melhorar a condição dos pobres alienados.

Sou com toda a consideração, de V. Ex.^a muito atento, venerador e criado,

Dr. Bernardino António Gomes.

Saldanha não gostou da carta e ripostou azedamente num outro folheto accusando o dr. Bernardino António Gomes de ter feito uso de uma lâmina magnetisada, e achar-se, portanto, convertido ao magnetismo. Já depois de publicado o folheto, acrescentou-lhe uma nota em homenagem à verdade para declarar que a lâmina não foi para uso próprio mas para o de uma sua cliente. "Uma tal declaração — salientava o marechal — não diminuía de modo nenhum a força do argumento apresentado, antes lha aumentava. O médico consciencioso fará antes uso do remédio a respeito do qual possa duvidar do que o aplicará ao seu doente.

Salta, de novo, o dr. Bernardino a varrer a sua testada, dando uma nova lição ao fustoso marechal sobre a applicação da tal lâmina magnetizada (buss electro-magnetique, de Nicolle) e da sua applicação sem confusão entre os factos de ordem mesmérica.

Em boa verdade, o dr. Bernardino António Gomes podia ter rasão na sua defesa da alopatia contra um profano que, apesar de tudo, o fez suar e dar ao diabo a mania dos marechais que se entretêm a debicar na medicina.

Ascepades



ETNOGRAFIA AGRO-PECUÁRIA

A avicultura e a tradição



VEM de recuados tempos a crença em sedições preconceitos e a prática de determinadas usanças insensatas, que se vão transmitindo de geração em geração, preocupando espíritos boçais.

Janeiro é o mês escolhido de preferência pelas aldeãs para incubação das galinhas, visto terem bem presente o ríflão popular advertindo-as de que os «pintos de Janeiro vão com a mãe ao poleiro».

As camponesas dispõem portanto, no decorrer deste mês, particular atenção ao futuro repovoamento das capoeiras, distribuindo às galinhas chocas, *deitaduras* em número ímpar — treze ou quinze ovos — pois está generalizada a crença de que a eclosão não se verificará quando tal precaução não seja tomada.

No acto de acomodar as galinhas no ninheiro, para que estas cubram e aqueçam os ovos, as aldeãs fazem piedosamente as seguintes prédicas, ansiosas sempre por que o número de frangas exceda muito o de machos:

Seja em louvor de S. Romão, para que nasçam tudo pítas e só um cantão.

Seja em louvor de S. Gonçalo, para que saiam tudo pítas e só um galo.

Para que os ovos *empolhem* (se desenvolvam os germes) nunca deverá escolher-se para início das eclosões uma quarta-feira e será prudente evitar que os pintainhos nasçam no *entreluo* (interlunio), de contrário a ninhada sairá... *entanguida e morruggenta*.

A galinha ficará bem *encarriçada*, isto é, tóda ocupada em chocar os ovos, se lhe for dado a comer fermento, todos os dias.

A gente do campo julga possível escolher pela forma os ovos que produzirão frangas, supondo que os mais curtos e arredondados, dão origem a fêmeas e, inversamente, os ovos oblongos e acuminados produzem machos.

«*Não contes os pintos senão depois de nascidos*», recomenda o provérbio e efectivamente muitos são os contratempos a prevenir, durante as incubações. As trovoadas, por exemplo, são temidas e para evitar os seus malefícios o povo costuma colocar, por baixo dos ninheiros das galinhas, dois ferros em cruz.

E' bom reunir em monte tódas as cas-



VILA VIÇA

niente borrihar os ovos da incubação com aguardente.

E' corrente a superstição de que as bruxas andam em correrias durante a noite, até à cantada do galo e tanto assim é que entre as mesmas tem curso o seguinte provérbio: — «*Galo branco, não me espanto; galo loiro, mau agoiro; galo preto, não me meto*». Reproduzimos um trecho da oração designada por *Padre Nosso Pequenino*, em que se alude ao *canto do galo preto*:

*«Cruz em monte, cruz em monte,
Nunca o demo te encontre,
Nem de noite, nem de dia
Nem à hora do meio dia.
Já os galos pretos cantam,
Já os anjos se alevantam,
Já o Senhor sóbe à Cruz,
Para sempre, amen, Jesus.»*

E' notória a preferência que o povo tem pela galinha *cuca*, ou *pedrês*, como o atestam os prolóquios populares:

— «*Galinha pedrês, vale por três.*»

— «*Galinha pedrês; não a comas, não a vendas, nem a dês.*»

As galinhas pintas, as riças e as de plumagem negra, têm igualmente os seus adeptos:

— «*Da galinha, a preta; da pato, a parda; da mulher a sarda.*»

— «*Galinha pinta, ovos trinta.*»

As galinhas de penas encrespadas (riças) são muito boas para o tratamento da disenteria e para livrarem de feitiçarias. As de plumagem preta, livram os donos de malefícios e as suas penas, embebidas em azeite da lâmpada, servem para curar erisipelas.

São ainda curiosos os seguintes preconceitos:

— Os galos velhos põem de sete em sete anos. Dos ovos saem cobras. (Santo Tirso).

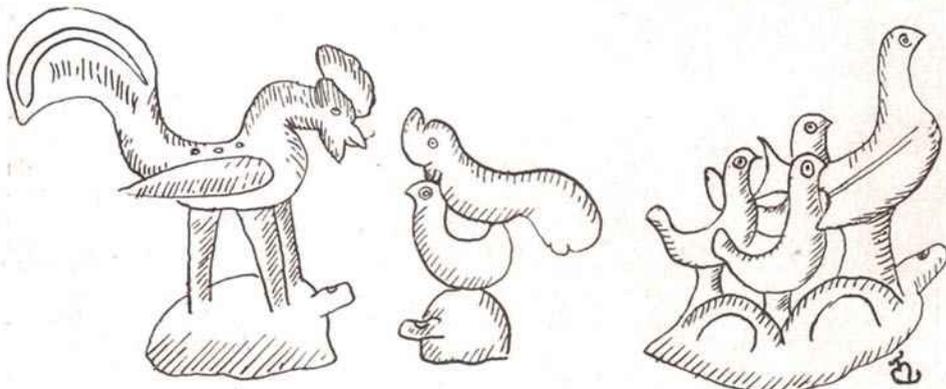
(*Continua na pág. 28*)



Ola'ia popular alentejana

cas dos ovos da mesma «*deitadura*», conseguindo-se assim que os pintainhos não se dispersem e andem sempre agrupados. Queimar as cascas dos ovos é imprudente, porque reventará o anus à galinha poedeira.

Para que os pintos saiam robustos e rompam facilmente as cascas, é conve-



Barcelos

Produtos da indústria popular barcelense

Guilherme Felgueiras

(da Associação dos Arqueólogos Portugueses)

Desenhos de AZINHAL ABELHO

EM PROL DAS RIQUEZAS NATURAIS

O Congresso Nacional de Turismo

O Congresso Nacional de Turismo, que acaba de se reunir em Lisboa, constituiu um facto de relevo na vida do nosso país, e dele são de esperar os mais benéficos resultados para uma indústria que ocupa hoje lugar preponderante na economia nacional.

Tanto pelo número como pelo valor das teses apresentadas, ficou demonstrado que há muito em Portugal quem se consagre ao estudo deste importante problema com louvável aplicação e o melhor proveito.

O cepticismo com que estas congregações de especialistas são muitas vezes acolhidas, teve neste caso o mais terminante desmentido. Só com evidente má fé se poderia pôr em dúvida a utilidade prática desta reunião, pela qual devemos felicitar



aproveitável e que não deixará, estamos certos, de encontrar em breve realização.

A indústria do turismo é das que maior desenvolvimento regista em Portugal nos últimos anos. Abandonou-se, felizmente, o velho processo de deixar tudo entregue ao acaso, confiando apenas em certos privilégios do clima e da paisagem. Quere isto dizer que se reconheceu existir uma ciência turística, bastante complexa, cujo estudo interessa aos países que, como Portugal, podem com ela valorizar os seus recursos naturais.

Não cabe nos limites desta página — que tem apenas o objectivo de registar gráficamente o notável

os autores da iniciativa.

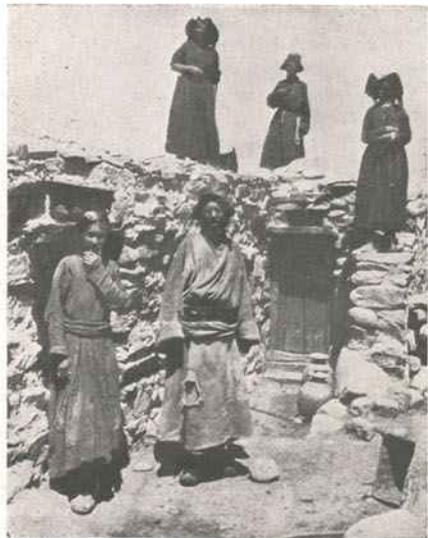
Fizeram-se sugestões, apontaram-se males, indicaram-se remédios. Se nem em tudo se pode seguir as opiniões apontadas — algumas vezes porque dependem dum conjunto ainda não conseguido — muito há nelas, contudo, de



acontecimento — fazer a resenha dos trabalhos do congresso.

As gravuras mostram, de cima para baixo: os congressistas em Sintra por ocasião da sua excursão aquela vila; um aspecto das sessões na Sociedade de Geografia; e dois trechos da assistência ao banquete no Casino Estoril, com que se encerraram os trabalhos.





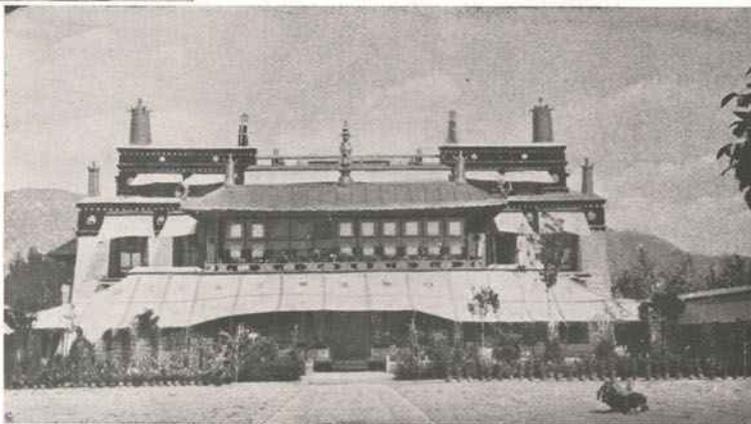
Índigenas de Tibet. Imagem extraída do filme «A voz da Índia».

que acompanhava com interesse os acontecimentos que ali se desenrolam.

A escolha do Dalai-Lama é na vida desse país um facto de capital importância. O deus-vivo é, ao mesmo tempo, o senhor absoluto de todo o seu povo, e resume, melhor que nenhum outro chefe da História, os poderes temporal e espiritual. Não é de estranhar, portanto, que a sua reencarnação seja «influenciada» pois tão diversas individualidades como os agentes de Moscovo, o vice-rei das Índias, os chefes do Estado-Maior Japonês, os espíritos chineses e os homens da confiança do Intelligence Service.

As misteriosas cerimónias que se desenrolam em Lhasa

O palácio de Ghensa Lsepka, supposta residência do Dalai-Lama ultimamente falecido.



À TRAVÉS do longínquo e misterioso império do Tibet alguns homens, de posse duma ciência milenária, procuram actualmente um deus.

O caso seria incompreensível sob as nossas latitudes e no ambiente da nossa civilização. Mas no Tibet resume-se a uma prática que se repete de tempos a tempos, de há muitos séculos para cá.

O deus que os tibetanos procuram não se perdeu. Tão pouco surge agora inopinadamente. Mas morreu e por esse motivo a sua alma mudou de residência, indo reencarnar-se no corpo tenro dum bebé que simultaneamente nasceu em qualquer ponto do país. Descobrir esse bebé, eis o problema que os sacerdotes procuram resolver.

O Tibet, cuja capital é a cidade santa de Lhasa, foi durante muito tempo inacessível aos europeus. Branco que se aventurasse por essas paragens lá perdia quasi sempre a vida. A situação modificou-se nos últimos tempos e hoje, o Tibet ocupa nas relações internacionais um papel que não pode ser menos prezado.

Se olharmos para o mapa da Asia, poderemos formar uma ideia do lugar que o Tibet ocupa no meio de interesses poderosos. É ele o eixo de todas as vias estratégicas da Asia central, e por ele passa a linha de comunicação entre a Índia e a China. A sua longa fronteira com a Índia não deixa também de causar inquietações à Inglaterra, pois a influência do Tibet entre os indus insumissos pode criar graves embaraços à tranquilidade do Império. Os soviéticos não desprezam também esse campo de acção e ali desenvolvem grande propaganda.

Por tudo isto, o Tibet, país de elevados planaltos, concita as atenções de várias potências,

são portanto objecto duma activa política secreta, cujo alcance bem se compreende se considerarmos que dela depende a escolha do homem destinado a dirigir os destinos dum povo, sobre o qual os restantes disputam a preponderância na influência.

O Tibet ocupa uma das regiões mais elevadas do globo — a dos planaltos do Himalaia. A sua população é calculada em dois milhões de habitantes e o seu território ocupa uma área igual à França, à Itália e a Alemanha juntas. Dentro desta extensão encontram-se climas extremos: ao norte um frio rigoroso, ao sul uma temperatura tropical. Assim os caracteres físicos dos habitantes divergem bastante de região para região. Mas um dos portmores mais curiosos é, habituado a viver nas grandes altitudes, o tibetano tem uma capacidade torácica igual ao dobro da do homem vulgar. Os seus pulmões contêm duas vezes mais ar, o que os torna, até

são numerosos — três deles são os maiores que existem no Mundo — e o número de monges que os habitam eleva-se a mais de vinte mil. Na sua essência, o lamaísmo inspira-se no budismo, embora as suas práticas religiosas ofereçam considerável diferença.

RELIGIÃO ESTRANHAS À PROCURA DUM DEUS

A reencarnação do Dalai-Lama, chefe supremo do povo de Tibet

certo ponto, insensíveis à menor pressão atmosférica das regiões elevadas.

A posição geográfica do país, isolou os tibetanos do resto da Humanidade. Os seus costumes permanecem, por isso, extraordinariamente primitivos. Mas sofreram a influência das civilizações vizinhas, que determinaram, afinal, o seu estado social. Da China receberam as maneiras, os costumes e a forma do governo. A Índia deu-lhes a religião e a cultura.

É a fusão imperfeita destas influências que condiciona o viver dos tibetanos. Desconhecem o uso do sabão, não se lavam nem limpam o vestuário. É a religião que governa todos os seus actos. Os sacerdotes — conhecidos por «lamas» — constituem a «élite» do país e concentram nas suas mãos todo o poder. Os conventos

em cheiro de santidade e pediram-lhe em talismã que os tornasse invulneráveis às balas dos ingleses.

Pago por uma elevada quantia, o talismã apareceu, mas os resultados foram desanimadores. Os pobres tibetanos continuavam a cair como tordos. Foram, por isso, procurar o «lama» e deram-lhe conta do insucesso.

— E' que — disse-lhes o sacerdote — o meu talismã protege contra as balas de chumbo, e os ingleses servem-se de balas de prata.

Nova contribuição avultada e arranjou-se um talismã para as balas de prata. Mas os guerreiros tibetanos continuavam a cair em grande número...

Nova consulta ao «lama» que declarou:

— Os ingleses são muito espertos. Agora servem-se de balas de níquel, contra as quais há um feitiço mas que custa muito caro.

«Felizmente — concluiu o coronel — a guerra acabou com a nossa entrada em Lhasa, por outro modo os tibetanos acabariam por ficar reduzidos à indigência.

O chefe supremo deste estranho povo é, como já dissemos, o Dalai-Lama. Ao contrário do que com frequência se afirma, ele não pretende ser uma encarnação de Buda, mas de duas figuras históricas: Chen-ten-zig que viveu no século vi e Gedum Doub, homem de classe modesta mas de grande mérito que viveu no século xv.

A dignidade de Dalai-Lama não é hereditária nem elegível. Os tibetanos creem que quando um Dalai-Lama morre a sua alma instala-se no corpo duma criança que nasce nesse momento. Sete sábios são encarregados de procurar o predestinado e é então que se desenvolve a intriga política. Cada qual procura exercer a sua influência, mas para o povo, que de nada sabe, a escolha do novo Deus conserva todo o seu prestígio.



Isso valen-lhe grande número de hostilidades. Conseguiu fazer instalar luz eléctrica na cidade santa e levou para lá um automóvel, de que se servia com geral reprobção dos seus súbditos. Mas a indignação atingiu o auge quando ele ordenou que os cilindros de orações do templo passassem a ser movidos por meio de electricidade.

Talvez não seja estranho a estes factos a sua súbita morte. E, enquanto, tais dramas se desenrolam na sombra, este povo singular, que dir-se-ia pertencer a outro planeta, aguarda a nova encarnação do seu deus-vivo.

Não virá longe o dia em que a civilização consiga forçar as portas dessas paragens tão afortunadas a uma tradição sédica e cheia de preconceitos. A religião católica que ainda mantém as velas de cera nos seus altares e as lâmpadas de azeite nos nichos dos seus santos, concede o direito de iluminação eléctrica nos seus templos, o que lhes dá uma maior imponência e grandiosidade.

Porque não há-de o Tibet convencer-se das vantagens da civilização que só poderia agradar ao seu divino Buda que seria o primeiro a dar-lhe o seu aplauso se voltasse a este mundo de enganos.

Os chineses, que tanto aprêço davam ao rabicho, são hoje os primeiros a reconhecer o ridículo de tal penduralho a enfiar-lhes a cabeça.

O palácio de Pot-la que domina a cidade santa de Lhasa do alto duma encosta escarpada.

Nganang Inboang, o último Dalai-Lama

FIEL á sua promessa, o detective que se ocupou na descoberta do roubo do hotel da Serra da Estrela, vem hoje explicar aos leitores da «Ilustração» como orientou as suas diligências até o apuramento final e definitivo.

Apenas chegou ao hotel, passou uma busca minuciosa a todos os quartos, verificando que tudo condizia com o relato feito pelos agentes roubados.

Pouco depois, chegou a esta conclusão:

O ladrão deve ter sido o hóspede belga.

— Essa agora! E qual o indício comprometedor?

— É fácil de encontrar. Logo que o agente teve a imprudencia de revelar a importante quantia que levava na pasta, não foi o belga que alvitrou o jogo das cartas, e, ante a afirmativa dos circunstantes, se apressou a subir ao seu quarto, afim de trazer um baralho que dizia ter guardado na mala?

— Foi o belga, sim, senhor.

— Não se demorou uns dez minutos, pelo menos?

— Isso mesmo.

— Pois bem: o belga subiu ao seu quarto com o pretexto de procurar as cartas de jogar, e, logo que chegou ali, deitou pela janela uma ponta de fio dobrado com o comprimento preciso para chegar á porta da rua. Como sabem, o quarto do belga ficava nessa direcção. Desceu despreocupadamente, e começou o jogo, quando alguém se lembrou de aludir ao temporal. Foi ainda o belga que se levantou a fim de certificar-se do tempo que fazia, se ainda nevava, e assim poder fazer uma previsão segura sobre a manhã que os esperava. Abriu a porta, e saiu uns momentos até á estrada, aproveitando o ensejo de passar o fio dobrado pela aldraba da porta. Quando todos dormiam já, abriu a porta do quarto, e foi desenrolando o fio até o fundo das escadas que, como sabem, se encontravam ás escuras. Nessa altura, puxando e alargando o fio, fez bater a aldraba, o que levou o agente a ir vêr quem batia. Aproveitando a ocasião em que o policia espreitava pelo postigo, o belga desceu os poucos degraus que lhe faltavam e correu a ocultar-se na despensa. Ali aguardou o momento asado para agir. Quando o agente de guarda, sentado ao fogão, fazia por cumprir fielmente a sua missão, o belga, saindo do seu esconderijo, aproximou-se dele sem ser pres-

sentido, e descarregou-lhe a pancada de *cassete* que o fez perder o acôrdo. Tudo isto foi praticado sem ruído, visto que o outro agente, recolhido no cubículo contíguo, nem sequer o acordou.

Praticado o roubo, o ladrão voltou para o seu

não obstante saber muito bem onde as tinha, não eram indícios de grande abonação para este hóspede.

Apertei a minha investigação, e, de deducção em deducção, reconstitui o roubo. Se os agentes tinham passado uma busca minuciosa ao local

que lhes servia de reduto, verificando não haver ninguém escondido nem sob o leito do cubículo contíguo, nem debaixo de qualquer dos poucos móveis que ornavam a sala, nem na despensa, era de calcular que o ladrão descera pela escada, visto não poder vir da rua. Como

se introduzira ali? Só no momento, em que o agente espreitava pelo postigo, a dar fé de quem batera á porta, do contrário daria pela sua entrada.

Tinha, portanto, de escolher entre os hóspedes, o hoteleiro e o próprio *chauffeur*. Sim, porque nestes casos temos de desconfiar de toda a gente.

Feitas as minhas deducções, a figura do belga era a que se me apresentava mais suspeita. Todos os meus cálculos acertavam invariavelmente na sua pessoa. Reconstitui mentalmente a cena quatro ou cinco vezes, e sempre o belga tinha mais probabilidades de êxito.

Uma ou duas coincidências ainda se admitiriam, mas tantas, tantas... Ponderei maduramente.

Não havia já que duvidar e apertei-o no mais rigoroso interrogatório. Não me enganei, pois, como sabem, o belga acabou por confessar, confirmando todas as minhas hipóteses.

Foi este o relatório que o hábil detective nos enviou, rematando-o com esta nota:

O que fiz qualquer leitor da «Ilustração» o poderia ter feito, pois eu não sabia mais do que êles.

Rubio Vaz.

O AUDACIOSO ROUBO DA SERRA DA ESTRELA

Desvenda-se finalmente quem foi o engenhoso ladrão

quarto, e, largando uma das pontas do fio, recolhendo-o novamente sem deixar vestígios.

— Mas como conseguiu chegar a esta conclusão?

— Muito facilmente. Logo que cheguei, pude verificar que nenhum dos hóspedes saiu á rua após a chegada dos agentes, a não ser o belga que pretextara ir vêr o tempo que fazia. Estão até lembrados de que voltou em seguida para dizer que «já nevava menos e que o vento tinha mudado, tudo levando a crêr um próximo bom dia». Isto fez-me impressão. Ninguém tinha batido á porta, pois, como devem estar lembrados, o agente, ao espreitar pelo postigo, verificou que já não nevava e que o céu estava limpo. Portanto, quem tivesse passado na estrada, deixaria as pegadas na neve.

Foi este o ponto em que me apoiei para chegar á minha conclusão. Que a aldraba da porta bateu, disso não restava a sombra de uma dúvida. Quem se teria aproximado da porta? Pensei que a aldraba podia funcionar por meio de um fio. Verifiquei então que a janela que ficava sobre a porta era a do quarto do belga. Diabo! A prontidão com que foi buscar as cartas de jogar e o tempo que se demorou a procurá-las,



Um curioso aspecto da Serra da Estrela

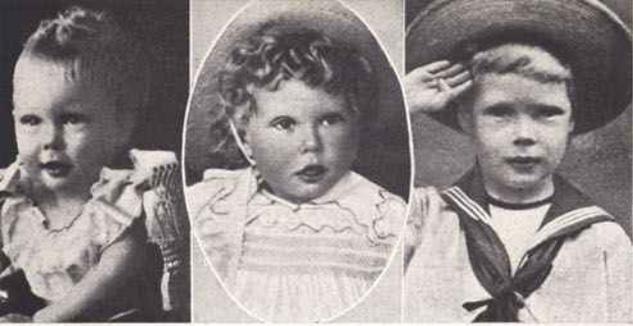
UMA RETROSPECTIVA

O novo rei de Inglaterra em Lisboa, quando ainda era príncipe de Gales



O novo rei de Inglaterra, Eduardo VIII conhece e aprecia o nosso país. Aqui esteve pela primeira vez em Abril de 1931, quando ainda era simplesmente o príncipe de Gales. Dirigia-se então para a América do Sul a bordo do «Arlanza» e acompanhava-se de seu irmão Jorge. Em Fevereiro de 1931 esteve no Pôrto, viajando incógnito. As gravuras que ilustram esta página mostram diferentes aspectos da sua primeira visita. *Ao alto*: os príncipes com o Chefe do Estado; *à esquerda*: o herdeiro do trono britânico no Estoril; *em cima*: com o então ministro dos Negócios Estrangeiros Fernando Branco; e *em baixo*: os dois filhos de Jorge V fazendo continência à força que prestou honras à sua chegada.



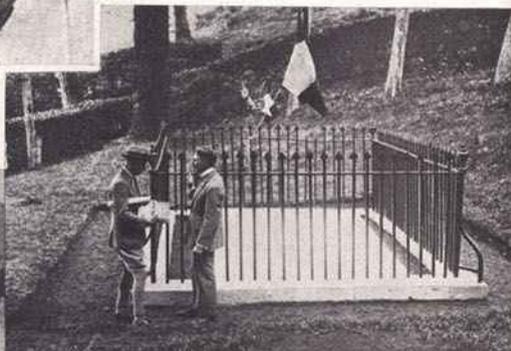


Três fases da infância do novo rei da Inglaterra. Da esquerda para a direita, o futuro soberano com um, dois e seis anos, fotos tiradas respectivamente em 1895, 1896 e 1901. A direita: No decurso das suas viagens, o príncipe de Gales visitou Santa Helena. Vêmo-lo aqui junto da sepultura onde esteve o corpo de Napoleão I antes da sua transladação para os Inválidos, em Paris.

PREPARAÇÃO À CIÊNCIA DE GOVERNAR POVOS

A juventude do rei Eduardo VIII

O príncipe de Gales nos quatro cantos do Mundo



No Egipto. — O príncipe a caminho do túmulo de Tut-Ank-Amón, vindo-se do meio de locomoção tradicional no país.

Passagem do Equador. — Quando cruzou pela primeira vez o Equador, o futuro rei submeteu-se de boa vontade ao baptismo ministrado pelo rei Neptuno.

Em Africa. — Em Freetown, Serra Leoa, o príncipe segue atentamente o ballado dumha beidade indígena.

Na Impéria das Índias. — Recebido faustosamente pelos rajás, o príncipe de Gales caçou o tigre real e viveu algum tempo num cenário das mil e uma noites.



Em cima: O príncipe de Gales, com o uniforme de escaiteiro, acompanhado por Lord Baden Powell. **A direita:** O príncipe no Japão, vendo-se ao fundo o pitoresco monte Fujiyama. **Em baixo:** Passando revista às tropas da Africa Oriental e ao regimento de Welsh Guards, em Inglaterra.





O falecido soberano com suas netas, as princesas Isabel e Margarida, filhas do duque de York

aliança, a uma neutralidade que seria cômoda em qualquer dos casos.

Nos últimos dias de Julho de 1914, o Kaiser, aproveitando a fúria de Sarajevo para atear a fogueira, preocupava-se com a atitude britânica da qual dependia o fiel da balança.

Enviou por esse motivo a Londres o príncipe Henrique da Prússia, seu irmão, que julgou habilíssimo para realizar as necessárias sondagens junto de Jorge V. Pouco ou nada conseguiu o engenhoso emissário. Pelo menos, assim o revela a carta que escreveu de Kiel a Guilherme II, a dar-lhe contas da espinhosa missão.

COM a morte de Jorge V a Inglaterra perdeu um grande rei, e Portugal um amigo desvelado e leal.

Desde a sua ascensão ao trôno britânico mostrou-se invariavelmente um grande diplomata, digno herdeiro de uma tradição gloriosa que, mesmo em face do terrível flagelo da Grande Guerra, soube sempre respeitar e dignificar.

O Kaiser, com o seu olhar de águia, tentava sondar-lhe as intenções e atraí-lo, senão a uma

"Antes da minha partida de Londres, quero dizer, domingo de manhã, 26 de Julho — escrevia o príncipe — tive a teu pedido uma conversa com o Rei, que estava perfeitamente ao corrente da situação actual, e que me assegurou que ele e o seu governo tentariam tudo para localizar a luta entre Austria e a Sérvia. Jorge disse-me textualmente: "Faremos todos os nossos esforços para nos conservarmos fora desta questão e ficarmos neutros". Estava visivelmente preocupado

Jorge V com o rei da Itália, quando da viagem deste a Londres

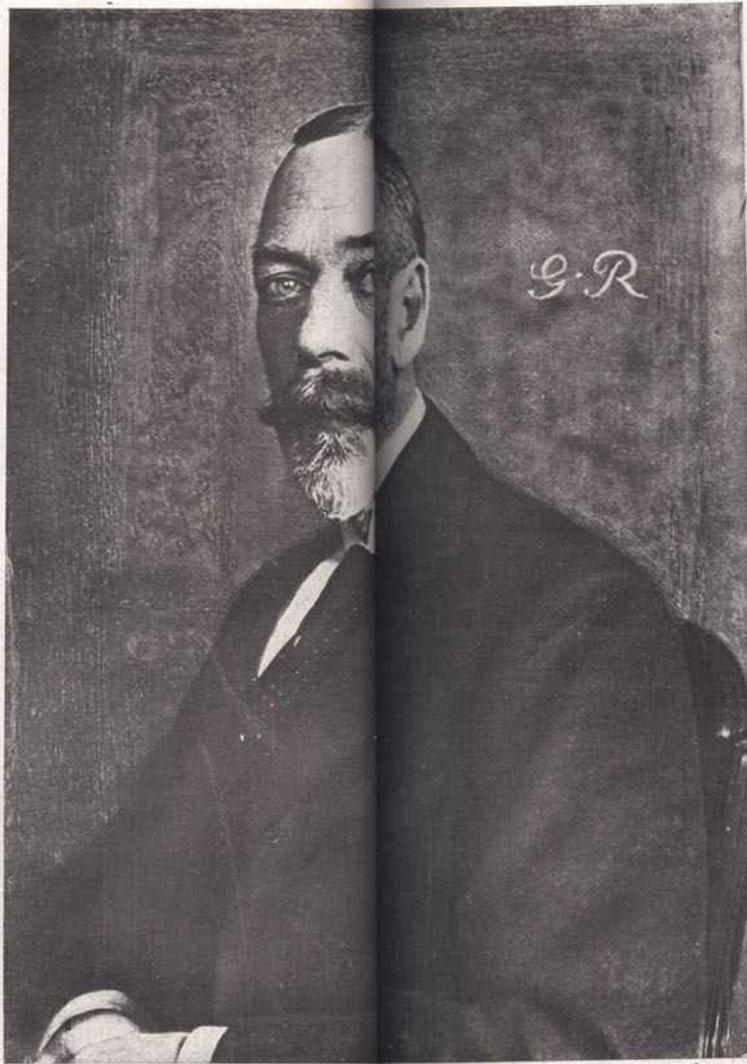


A INGLATERRA DE LUTO

A MORTE DEI JORGE V nobre e leal aos portugueses

e manifestou a mais séria e sincera intenção de cessar os manejos alemães, o anotava desta um conflito mundial.

Esta resposta não agradou ao Kaiser que, na Inglaterra descobre-se neste momento em que seguinte recebendo um telegrama do seu embaixador que nós estamos liquidados. Essa canalhada em Londres a comunicar-lhe as transformações mercadores quis enganar-nos com jantares e dis-



A rainha Maria, companheira dedicada do morto durante o seu longo reinado



curso. A mistificação mais grosseira que ela preparou está nas palavras ditas pelo rei Jorge ao príncipe Henrique, que me eram dirigidas, e nas quais lhe afirmava que a Inglaterra ficaria neutral.

Nada disto assentava no mais ligeiro vislumbre de verdade. Jorge V, que se encontrava perfeitamente ao corrente da situação — o próprio príncipe da Prússia o afirmou — declarou tentar tudo para evitar o alastramento do incêndio que devorava a Austria e a Sérvia, salientou desejar manter uma neutralidade que a Alemanha deveria adotar também, e manifestou a mais séria e sincera intenção de evitar a terrível guerra que previa com o seu golpe de vista inteligente.

E tanto era assim que, na resposta dada pelo seu próprio punho à carta do presidente Poincaré que pedia uma intervenção decisiva da Grã-Bretanha para salvar a paz ou assegurar uma cooperação militar capaz de garantir a vitória das potências ocidentais, Jorge V, sempre prudente e num derradeiro e supremo esforço de conciliação, salientava "estar consagrando os seus melhores esforços

junto dos imperadores da Rússia e da Alemanha, no sentido de retardar o início das operações militares e permitir assim que as operações diplomáticas prosseguissem com maior êxito.

E o grande soberano acrescentava: "Quanto à atitude do meu país, os acontecimentos mudam com uma tal rapidez que é difícil fazer vaticínios sobre o futuro. Mas podeis estar certo de que o meu governo continuará a examinar

Victor Manuel passando revista a guarda de honra na companhia do soberano britânico



livre e lealmente, com o vosso embaixador, todos os assuntos que dizem respeito aos interesses das nossas duas nações.”

Quando esta resposta, tão nobre como o carácter que a ditara, chegou a Paris, já as tropas de Guilherme II

George V.

Fac-símile da assinatura de Jorge V



Em cima: Jorge V, com o traje escocês, á chegada a um campo de corridas. Á esquerda: O rei ao leme do seu iate «Britania»



pre Jorge V o mais estrênuo defensor da causa do Direito e da Justiça.

Da sua afeição por nós fala eloquentemente tôda a sua vida sempre devotada aos mais nobres ideais.

Portanto, o luto que neste momento punge a Inglaterra é também o luto que envolve o coração de todos os portugueses.

Resta-nos a certeza — e seja êste o nosso melhor confôrto — de que Eduardo VIII, o novo rei da Inglaterra, como nossô amigo que sempre foi, saberá honrar as gloriosas tradições de seu Pai e de seu Avô.

haviã transpôsto as fronteiras francesas, abrindo hostilidades.

Seguiu-se o ataque a Liège.

Ante a agressão à neutralidade da Bélgica, a Inglaterra soube cumprir o seu dever, e declarou guerra à Alemanha. O rei Jorge V, fiel aos compromissos nacionais e às indicações da opinião pública, não consentiu que os laços de família ou quaisquer sentimentos pessoais impedissem a Inglaterra de cumprir dignamente o seu dever.

E assim decorreram quatro anos angustiosos de luta pavorosa no Mundo inteiro, manifestando-se sem-



Um grupo da família real de Inglaterra

FIGURAS E FACTOS

Intercâmbio luso-galaico

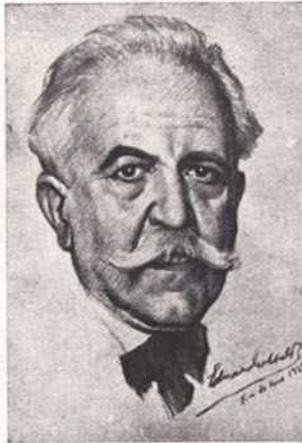
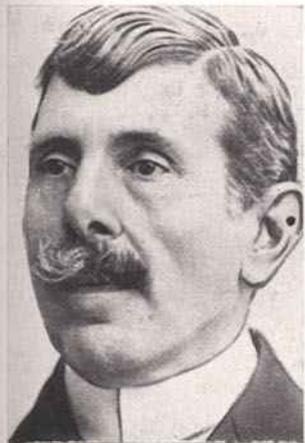


ESTEVE em Lisboa na segunda quinzena do mês findo, a Tuna Académica de Santiago da Compostela, em visita do intercâmbio cultural ao nosso país. Fez-se ouvir num concerto no Ginásio, que foi muito aplaudido. Em cima, a Tuna; ao lado, alguns estudantes com a filha do sr. embaixador de Espanha.



Conde de Sabugosa

Tito Martins



MAIS uma edição do formoso livro «Donas dos tempos idos» que o Conde de Sabugosa escreveu em idos tempos também para nos recordar alguns espíritos suavíssimos que a acção corrosiva dos séculos vai diluindo.

Luiz Teixeira



«ACÇÃO turística» é uma nova obra do ilustre escritor e brilhante jornalista Luiz Teixeira acaba de publicar e que serviu de Tese no 1.º Congresso Nacional de Turismo. Neste magnífico trabalho, em que é magistralmente tratado um problema capital da nossa terra, sobressai ainda a prosa burilada do seu autor.

Rosa Silvestre



A ilustre escritora sr.ª D. Maria Lamas acaba de publicar mais um livro, uma novela infantil que intitulou «Os brincos de cerejas». Se alguém em Portugal pode usar com propriedade o pseudónimo que escolheu, é «Rosa Silvestre». Por entre os matagais espinhosos da inveja, esta rosa bravia continua a sorrir com a sua beleza de sempre e o seu perfume embriagador a que todas as suas obras rescendem.

Portugal em Tanger



GRACAS ao esforço de homens de boa vontade, o prestígio português continua a manifestar-se nas adustas paragens de Marrocos, onde cada pedra evoca uma gloriosa tradição. A gravura que publicamos representa o novo edifício do consulado de Portugal em Tanger que além da sua bela aparência representa também mais um magnífico padrão a defender o bom nome do glorioso país que «deu mundos novos ao mundo».

Dr. Samuel Maia



O dr. Samuel Maia que nos tem dado obras magníficas como o «Sexo forte» que é um dos mais belos romances do nosso tempo, o «Braz Cadunha» que é a mais bela peça regional de todo o teatro português, é capaz de realizar maiores prodígios ainda. O seu último trabalho «O Vinho», em que trata das aplicações do sumo da uva deve ser lido por todos os que prezem a sua saúde.

Homenagem a Mousinho de Albuquerque

NA campa do Mousinho de Albuquerque foi, pelo sr. ministro das Colónias, deposta no dia 19 do mês findo uma palma de bronze. A gravura mostra um aspecto da cerimónia.



OS DOIS ERRANTES

No ano de 1839, realizando-se como de costume, a feira de S. Miguel em Leipzig, apareceu um indivíduo de aspecto taciturno que declarou chamar-se Isaac Ashaverus, e ser, nada mais nada menos, que o famoso *Judeu errante* de que nos fala a lenda.

Ante o espanto de quantos o ouviram, contou então uma história que não deixava de ser bem urdida:

— Pois é verdade, senhores. Nasci em Jerusalém no ano do Mundo de três novecentos e noventa e dois, isto é, oito anos antes de Jesus Cristo. Não vos falarei da minha infância, pois nenhuma singularidade existe nela. Meus pais deram-me alguma instrução, e muito cedo segui para casa de meus tios, onde aprendi o ofício de sapateiro. Aos trinta anos era eu um homem perfeito e de agradável figura. Depressa consegui numerosa clientela entre as senhoras de Jerusalém, pois era moda fazer o calçado na minha oficina.

Um dia, fui chamado pela mulher do centurião para lhe tomar a medida dumas sandálias, e fiquei enamorado. Uma noite fui surpreendido pelo marido, e, num ímpeto selvagem de salvar-me, matei-o. Depois, para ocultar o meu crime, meti o cadáver na cama, incumbindo a mulher de dizer a quem procurasse o marido que êste se encontrava doente. Ganharia tempo. Entretanto, havia de surgir um meio de salvação. Voltei a minha casa, e passei uma parte do dia numa agitação tremenda. Ao meio dia, encontrando-me sentado à minha porta, vi aproximar-se uma multidão ululante, conduzindo Jesus ao Calvário. Carregava e Rabbi com o madeiro em que deveria ser crucificado. Noutra ocasião sentiria pena, mas naquele

momento pensava apenas em mim. Jesus, que parecia oprimido debaixo do madeiro, pediu-me que o ajudasse, pois não podia mais. Sangravam-lhe os pés e respirava ofegante. Todos os olhos se voltaram então para mim, o que ainda aumentou mais a minha perturbação. Tive a impressão de que liam no meu rosto o crime que acabava de cometer.

— Caminha! — respondi eu brutalmente ao padecente — que o teu sofrer não durará muito.

— Eu caminharei e descansarei — replicou Jesus — porém tu caminharás sempre sem descanso até ao Dia de Juízo!

Cumpriu-se a sentença. Apenas foi anunciada a morte do Rabbi, apoderou-se de mim um poder invencível. Tomei o meu bordão de peregrino, e parti acompanhado por Noémia, a mulher do centurião que eu assassinara.

— Seja feita a vontade de Deus! — exclamara ela quando lhe comuniquei a minha resolução — irei contigo.

Foi só pela experiência que soube as condições a que estava sujeito percorrendo a terra, e as facilidades que me são concedidas para executar a ordem de viajar até à destruição do mundo. Posso passar sem comer nem beber que não se altera a minha saúde e posso comer brutalmente que não sôfro de indigestões. Sou invulnerável e não posso envelhecer. Desde o dia em que Jesus me condenou a esta vida errante, tenho tido sempre a mesma fôrça e a mesma figura. Tenho o condão de falar a língua de todos os países que atravesso, e trajo, segundo o uso do tempo e dos lugares em que me encontro.

Noémia, coitadinha! foi acabar os seus dias em Roma como concubina de um

servo do imperador Domiciano, e eu continuarei a minha peregrinação até ao fim do mundo que não sei quando será.

Passou-se isto há 97 anos em Leipzig.

Agora surge um bávaro chamado João

O peregrino Müller com a cruz às costas



Isaac Ashaverus, cópia do retrato feito em Leipzig

Baptista Müller que anda em peregrinação pelo mundo com uma cruz às costas como Cristo. Passou há dias por Lisboa.

Tendo-lhe morrido a mulher e dois filhos que eram o seu encanto, mergulhou na mais rigorosa penitência, alimentando-se com uma côdea de pão e um pouco de água. Ao cabo de seis anos construiu uma cruz, e tomou o rumo de Jerusalém. Ali chegou, após grandes fadigas, com os pés dilacerados pelas arestas dos caminhos. Atingiu, por fim, o tôpo do Calvário, e lá plantou a sua cruz, na convicção de que fizera alguma coisa em prol do bem da humanidade.

Descendo à cidade, construiu outra cruz e tomou o caminho de Roma, onde recebeu a benção do Santo Padre. Dali seguiu para Lourdes, depois para Compostela, e nunca mais para o pobre peregrino que tão perseverantemente tenta traçar com as suas passadas a mais impressionante Imitação de Cristo.

É pena que o Isaac Ashaverus, de Leipzig, tenha desaparecido há quasi um século. Seria interessante o seu encontro, e deveriam ter muito que contar um ao outro, porque, no fim de contas, de duas boas almas se tratava.

O *Judeu errante* conseguiria talvez o fim da sua tremenda expiação, não auxiliando o sacrificado Müller a conduzir a sua cruz, dando assim uma prova tardia de compaixão, mas a contar-lhe com a sua eloquência de testemunha ocular a tragédia desenrolada há cerca de dois mil anos no tôpo do Calvário.

Mostrar-lhe-ia que não valia a pena qualquer sacrifício em prol duma humanidade que termina sempre por crucificar os seus redentores.

E hoje, se repararmos bem, a humanidade está duas mil vezes pior do que há dois mil anos!



É da América que saem os melhores e mais saborosos frutos, é de lá, também, que partem, para dar a volta ao mundo, as notícias mais imprevisíveis e originais.

Agora, ao que se diz, os filhos do tio Sam acabam de inventar um novo seguro, uma apólice protectora dos fracos e dos românticos — o seguro sobre o amor.

Como à primeira vista nos pode parecer e seria lógico, não se trata de segurar o amor, na sua duração e lealdade.

Não. Não é para tornar mais constante o inconstante, nem para proteger a humanidade contra os riscos de uma traição.

Compreendia-se um prémio pecuniário, para compensar a mágoa de um namorado ou namorada em mal de abandono, porque, como diz o povo, "lágrimas com pão, doces são".

Aqui o caso é completamente outro. Segura-se a pessoa contra os perigos do amor, mas contra si própria.

É para tornar mais forte o coração para suportar o embate do amor.

Se não se puder resistir, cai-se no laço do matrimónio, e a companhia seguradora paga o prémio estipulado. Afinal, não é um mal, até têm um dotezinho.

É a consideração que se nos oferece, ao ler a notícia, não é verdade?

Mas é que este seguro foi criado só para os artistas de cinema e, nesse caso, eles, os que se casam, ficam a perder, porque lhes fogem contratos muito mais vantajosos e mais sólidos do que os casamentos na América.

Os empresários produtores de filmes preferem artistas solteiros.

Os admiradores, embora nunca vejam coroados de éxito os seus arroubos caprichosos por qualquer actriz, sendo ela livre sempre estão à espera, e vão com a sua persistência e admiração constante levando nas asas do réclame o nome das eleitas, pensando que seria tolice e maldade dar a um só, a felicidade a que tantos aspiram.

Tal qual como na linda canção francesa:

*Quand on est jolie,
Jolie comme vous,
L'on ne prend, ma mie,
Jamais un époux,
Donner votre vie,
Rien qu'à l'un de nous,
Vous feriez folie
Et trop de jaloux...*

Com os homens do "écran," acontece exactamente a mesma coisa.

Se estão ainda soltos das peias do casamento, as cartas de apaixonadas cinefilas caem em chuva torrencial no seu camarim. E, assim, as salas de projecção enchem-se, com eles e elas por chamariz, e os filmes produzem bom dinheiro.

Ao saberem os seus ídolos presos em cadeias legais, os entusiasmos esfriam e nas plateias vão aparecendo cadeiras vazias, com baixa sensível na receita da bilheteira.

Esta guerra que se quer agora fazer, ao marido provável, já dantes se fazia, à mãe das actrizes e bailarinas.

Nomeadamente, em França e em Espanha, havia, e deve haver ainda, o costume de as raparigas de teatro andarem sempre acompanhadas pelas mães.

Os frequentadores de palcos detestavam estes anjos guardiões, a quem chamavam "cães de pastor," porque traziam a presa cubiçada bem guardada e sabiam defen-

UMA IDEIA ORIGINAL

O AMOR NO SEGURO

dê-la com unhas e dentes, em caso de tentativas de assalto.

Há em França vários livros, ironizando sobre a acção das mães vigilantes.

Em Espanha, onde é ainda mais evi-



dente a presença da mãe da actriz, também se tem satirisado bastante sobre este assunto. Filipe Sassone, o elegante cronista do *Blanco y Negro*, diz, num livro seu sobre teatro, que a actriz devia ser orfã, de tal maneira as mães espanholas defendem as filhas com mais ardor do que o Cerbéro guardava a entrada do inferno. Não há liras que as adormeçam.

Conheci destas mães nas minhas "tournées," por esse mundo, e acheias-as admiráveis de tacto e amor pelo tesouro que guardavam.

Lembro-me muito bem, e com simpatia, da mãe da célebre Pastora Império, que foi minha companheira de cartaz, que nunca largava a filha. Pastora era uma morena encantadora, com uns olhos verdes que entonteciam quem os fitava.

Os galanteadores esbarravam, nas suas pretensões de conquista, com aquela muralha inexpugnável de um cuidado maternal, sempre alerta.

Os americanos não receiam o baluarte materno. O que os ofusca é o marido. A oposição é mais forte e constante, no seu modo de ver.

Mas devem concordar que esta ideia de segurar as actrizes contra o risco de amar não é coisa que dê os resultados que se desejam obter.

Como resistir a esse traquinas filho de Vénus, quando êle escolhe o alvo para a sua seta?

E, depois, o garoto é teimoso e tem de humano o sestro de querer com mais vontade aquilo que dêle se defende.

Quanto mais o evitam, mais êle aflige quem lhe foge com a sua assiduidade e os seus requebros tentadores.

Veledade das veledades, querer segurar o coração dos mortais contra o amor.

Se, justamente, sem amor o coração não pôde viver.

Pode-se passar algum tempo sósinho, despreocupado, sem aspirações de ternura, mas lá vem um dia em que o coração sente que lhe falta qualquer coisa indefinida e essa qualquer coisa é o amor — esse tirano que tortura e consola ao mesmo tempo.

As actrizes da tela podem ir pagando o prémio mensal do seguro, mas quantas delas não irão também fazendo votos para que aquilo acabe depressa e chegue a hora em que o recebedor leve o recibo recambiado?

E' que o dinheiro é muito bonito, sôa bem, dá luxo, dá comodidades, mas não dá o prazer espiritual de ter um pensamento reservado muito escondido, muito nosso, para um ente amado, ande êle longe ou perto de nós.

Ter um nome escrito em nossa alma, um nome que só nós sabemos e que dizemos baixinho, quando uma maldade nos fere; um nome que evocamos, nas horas de desanimo, o nome de alguém que nos quer e a quem queremos acima de tudo, há lá nada que valha esta glória?!

Começo por não acreditar nesta notícia americana e que há de ser uma pèta, *canard*, no calão jornalístico francês.

Mas se fôsse verdade, não lhe dava muitos meses de vida.

Apenas o tempo de êxito de uma curiosidade, uma revista de que divertiria como passatempo inofensivo:

Se fôsse verdade... Segurar-se contra o amor! Mas se o amor é tudo! Como diz o poeta:

*... A treva e a luz — que importa?
Só nos importa o amor!*

Não tenhamos ilusões. Não há apólices que valham cousa alguma contra as pérfidas embuscadas do amor. Nem mesmo para os americanos a despeito da sua obstinação em traduzir os sentimentos em dólares.

Quando muito, talvez se invente um sêra uma vacina que imunize contra os terríveis estragos da infecção amorosa. Porque, segundo opiniões autorizadas, o amor é um bacilo que se transmite sobretudo pelo beijo. Mas a vida assim desinfectada perderá todo o seu encanto.

Mercedes Blasco.



Uma corrida de «cross» reúne, em Paris, numero de concorrentes que entre nós nunca se viu

Não foi apenas no nosso país que o football internacional ocupou o primeiro plano nas actualidades desportivas da quinzena.

O mesmo interesse, a mesma ansiedade, o mesmo entusiasmo popular despertados entre nós pelo encontro com a Austria, surgiram por motivo semelhante nos países, cuja vida desportiva mais familiar nos é, a Espanha e a França, terminando numa e noutra por amargas desilusões.

Em Paris, os franceses receberam os holandeses, animados das melhores esperanças, fracassando afinal ruidosamente pois a superioridade adversária se cifrou ao cabo do jogo pela bagatela de 6 bolas a 1.

Ao encontro assistiram trinta mil pessoas, dos quais dez mil tinham vindo dos Países-Baixos acompanhar os seus compatriotas e deram largas a uma alegria compreensível.

Dentro do melhor bom senso, os vencidos aceitavam o amargor da derrota sem clamar que a pátria estava em perigo, e procuravam tirar o melhor proveito da lição, averiguando serenamente as causas do desastre para que ele não possa repetir-se.

Conhecemos certo cantinho à beira-mar plantado, onde os acontecimentos semelhantes provocam as iras intempestivas das mentalidades requintadas, cuja literatura piegas ou sedida tem pruridos próprios da época e não consegue compreender o espírito desportivo moderno.

A crítica francesa, nobremente, reconheceu a superioridade dos adversários vitoriosos e, procurou justificar a diferença de classe entre os dois grupos pela cultura física muito superior dos seleccionados holandeses.

Idêntica inferioridade se verifica no desporto nacional, posta a claro pelo simples confronto visual com os jogadores estrangeiros que nos visitam.

No dia em que uma preparação física cuidada tiver criado na mocidade portuguesa uma falange de atletas, os progressos acentuar-se-ão e teremos solucionado o problema angustiante das competições internacionais.

A visita do grupo austríaco de football à Península Ibérica teve consequências sensacionais, pois pela primeira vez na sua história, o onze de Espanha foi batido em território nacional.

O football austríaco teve um período áureo cuja duração se pode estabelecer



As inundações em Inglaterra permitiram a esta agitação rapariga praticar desportos náuticos em plena rua da cidade

O segundo ponto marcado pelos austríacos aos espanhóis, provoca nos defensores os primeiros gestos de desespero

entre 1930 e 1934. Possuía, então, o célebre "Onze maravilha", que, depois de derrotar todos os adversários continentais foi a Londres assombrar com a sua técnica os mestres britânicos, os quais a custo venceram por 4-3.

Na época em que o segundo campeonato do mundo traria ao valor dos austríacos uma justa consagração oficial, a classe do seu football baixou sensivelmente e a classificação obtida no torneio não correspondeu às aspirações dos seus dirigentes.

Não desanimaram, por isso. Guiados pela autoridade de Hugo Meisl, o homem que consagrou toda a sua existência à preparação do grupo representativo, os

A QUINZENA DESPORTIVA

austríacos foram reunindo e aperfeiçoando novos artistas da bola, com os quais vieram agora a Espanha buscar uma consagração que certificasse o ressurgimento do "Onze Maravilha".

Os factos deram-lhe satisfação: o grupo espanhol, vencedor em território nacional de quantos ousaram enfrentá-lo, desde a Itália à Inglaterra, baqueou ante a engrenagem perfeiíssima da equipa austríaca, cujo jogo foi uma demonstração impecável do que deve ser football.

Queixam-se os nossos vizinhos da actuação deficiente dos seus extremos-defensores, culpando-os da derrota; acabou Zamora, apequenaram-se os Quincoces e Ciríaco inigualáveis outrora, fraquejou a linha média, e apenas o quinto de ataque deu boa conta de si conseguindo pôr quatro vezes em cheque a defesa austríaca.

Nenhum destes argumentos diminui o alcance da vitória dos "centrais" e não cabe mal escrever a propósito e uma vez

mais, que um grupo de football joga em regra bem ou mal consoante lho consente o grupo adversário.

A época das corridas através do campo recomeçou no mês findo e decorre com relativa animação, resultante sobretudo do aparecimento dalguns novos valores.

As provas realizadas até á data reuniram um número de concorrentes sensivelmente superior à média dos anos transactos e revelaram corredores desconhecidos cujas possibilidades apareceram ao primeiro contacto iguais ás dos melhores especialistas.

Apezar de tais sintomas favoráveis não podemos declarar-nos satisfeitos porque

os acontecimentos estão ainda longe de corresponder ao mínimo necessário.

Entre nós, considera-se um êxito, aquêlê "cross" que apresenta á partida quatro dezenas de concorrentes, quando nos países onde o atletismo existe de verdade, estes se contam por centenas.

A corrida pelo campo, modalidade agradável e salutar, devia captar as simpatias da nossa mocidade e merecia por parte dos clubs praticantes uma propaganda intensa e persistente.

Há muitos rapazes capazes de correr provas do género, mas não aparecem porque os clubs apenas se interessam pelos valores consagrados e inscrevem, nas provas a que concorrem, o mínimo de homens indispensável á sua classificação.

Os "cross" populares, anualmente organizados em Lisboa por *Os Sports*, têm sido disputados por numerosa falange, constituindo sempre um espectáculo pitoresco e animado. Em se tratando, porém, de certames oficiais, caímos imediatamente na insuficiência trivial; podem as entidades dirigentes organizar, para estímulo, uma corrida cada domingo que todas se sucedem numa repetição constante e monótona.

Para animar a época e variar o programa clássico, contamos êste ano com três provas em estrada, disputadas em distâncias crescentes e que servem de preparação e indicação para uma possível representação portuguesa na Maratona Olímpica.

Os portugueses não têm motivo para lástimas pelo resultado do seu encontro com a selecção austríaca.

Contentêmo-nos com a honrosíssima derrota recebida; perder apenas por uma bola, contra um grupo com a categoria do austríaco, mesmo entrando em conta com o benefício de jogar em casa e em terreno desfavorável aos visitantes é, sem dúvida, resultado a registar com satisfação.

Ricardo Ornelas escreveu na sua crónica: "três, quatro dias mais, de brilhantismo assemelhavel e estará percorrida a primeira etapa da reabilitação do football português, dentro da sua classe". Partindo dum crítico de competência incontestada, a afirmação esclarece o problema.

A partida foi boa, principalmente pelo equilíbrio relativo da luta até aos momentos derradeiros; a não ser no final, em que os austríacos insistiram na permanencia no meio campo português, o encontro disputou-se quasi sempre em alternancias de jogo, de características diversas mas de interesse constante.

Os portugueses tiveram, durante o primeiro tempo, o seu melhor periodo, cujo



Hugo Meisl, o animador do football austríaco e um provado amigo dos portugueses

brilhantismo máximo corresponde á meia hora inicial, enquanto a fadiga não veio atenuar as capacidades activas dos jogadores.

Porque não assistimos ao encontro, não podemos formular sôbre a acção individual dos portugueses, uma opinião pessoal. As impressões colhidas na imprensa são diversas e tocadas, mesmo da parte dos "patriarcas", pela influencia das simpatias elubistas. Registaremos apenas, porque será talvez a mais autorizada, a opinião do seleccionador nacional Candido de Oliveira, indicando Albino e Carlos Pereira como os melhores no conjunto, e Mourão e Pireza como aqueles que mais se salientaram durante o primeiro tempo.

O valor da exhibição pertence, no entanto, a todos, pois sem excepção empregaram o seu melhor esforço ao serviço do prestígio do desporto português. Arquívemos-lhe os nomes, porque bem merecem o direito a esta citação: Soares dos Reis (F. C. P.), Simões (Belenenses) e Gustavo (Bemfica); Albino (Bemfica), Rui Araujo (Sporting) e Carlos Pereira (F. C. P.); Mourão (Sporting), Pireza (Sporting), Sousa (F. C. P.), Nunes (F. C. P.).

Durante a meia hora final do jogo, Waldemar Mota (F. C. P.), substituiu Pireza, que saíra maguado do campo.

Salazar Carreira.



A «Ovaltine», produto mundialmente consagrado, tonifica e fortalece, sendo assim um alimento indispensável á mocidade desportiva.



— Shiu!!! O meu João está concentrado. Tem andado a ler as memórias de Napoleão.

“**A**RQUIMÉDES — lia o aluno em voz alta — saltou da banheira gritando Eureka! Eureka!”
 — Um momento atalhou o professor — Que quere dizer “Eureka”?
 — “Eureka” quere dizer “achei”.
 — Muito bem. E que tinha êle achado? O aluno titubeou e por fim aventou sem grande confiança:
 — O sabão ...

— Ouve lá, António. Já te esqueceste dos vinte mil reis que me debes?

a escada a dois e dois para não gastar os sapatos novos e êle subiu a três e três e rasgou as calças.

Haveria uma hora que Simplício passeava nervosamente a uma esquina da Baixa consultando com freqüência o relógio. Por fim, a causadora desta expectativa

HUMORISMO

— Não esqueci. Quando te avistei, ainda quis atravessar para o outro passeio mas já era tarde.

— Notaste como a minha voz enchia ontem o teatro.

— Sim. E até reparei que muitas pessoas saíam para lhe deixar espaço.

Procópio encontra Calino que tem naquele dia um ar contrariado.

— Que te aconteceu? — perguntou-lhe.

— Que me havia de acontecer?! Disse a meu filho que subisse

chegou, e dirigindo-se a êle disse com o mais inocente sorriso:

— Espero que não seja tarde...

— De modo nenhum — atalhou Simplício — Estamos no dia e no mês em que tínhamos combinado encontrarmo-nos.

Diálogo conjugal:

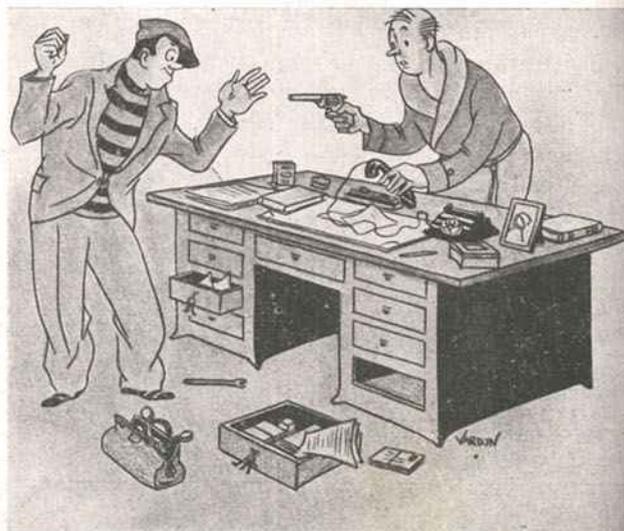
— Esta sôpa tem muito sal, minha querida.

— Nada disso. A sôpa é que é pouca para esta quantidade de sal.

— Quantos são hoje?

— Não me lembro. Porque não vês no teu jornal?

— Não serve. E' de ontem.



O gatuno delicado: — Deseja que lhe segure no revolver para poder fazer a ligação?

A AVICULTURA E A TRADIÇÃO

(Continuado da pág. 12)

— As galinhas polainudas não devem escolher-se para dietas de enfermos. (Póvoa de Varzim).

— Os melhores frangos, são os de quilha torta e ainda os de grossa veia de baixo da asa. (Máia).

— A crista do galo evita o medo dos defuntos. (Barcelos).

— Para estimular a ovogenese das galinhas, deverá o avicultor comer os primeiros ovos das suas poedeiras, detraz duma porta, tendo um machado às costas.

— Para que as crianças de 6 a 7 anos não sejam atormentadas pelo mal da gota, é costume fazerem uma romagem à capela de S. Bartolomeu do Mar, levando na mão um frango preto. (Espozende).

Como foi dito já, em todos os tempos

o povo ingênitamente supersticioso, deu crédito a predições.

Em Roma a ciência divinatória tinha os seus sacerdotes sendo altamente venerados os *augures** que tiravam preságios do vôo, do canto e das entranhas das aves para êsse fim sacrificadas e ainda do apetite dos frangos sagrados e da maneira como tomavam alimento. Ainda hoje são comumente admitidos grande número de agoiros que obstinadamente perduram, buscando alento na tradição.

Divulgaremos apenas os que dependem da maneira como as aves domésticas impressionam os indivíduos crentes em illusórias ficções e em auspícios, baseados numa ciência vã:

Uma galinha espiocha-se ou recolhe de dia à capoeira; é prenúncio de chuva. Canta um galo diante de vós; é vitória certa, mas se é no dia em que vos casais, contaí com graves disenças no lar. Uma galinha canta de galo; é indicio de desgraça próxima, pelo que deve ser sacrificada. Igual fim deve ter o galo que cantar fora de horas. Lá está o adagiário popular a asseverá-lo:

— «Galo que fora de horas canta, faça na garganta.»

— «Galinha que canta de galo, quere vêr o amo no adro.»

O Deus-galo simbolizava na mitografia dos antigos gregos e romanos, a diligência e a vigilância. Como emblema da religião cristã, ainda hoje se vê freqüentemente o galo, nas ventielas que se ostentam no coruchêu dos campanários.

* O nome de *augures* ou *avigures* deriva de *avis* (ave) e do verbo arcaico *gurere*.

SOB AS BENÇÃOS DO LUAR DE JANEIRO

*Luar de janeiro,
Fria claridade . . .
A luz d'ele foi talvez
Que primeiro
A bôca dum português
Disse a palavra — saüdade . . .*

AUGUSTO GIL.

NO mês de Fevereiro — faz agora sete anos — morreu o grande poeta Augusto Gil, em cujo coração sempre cantaram, como disse outro grande poeta que o acompanhou ao túmulo, uma cigarra e um rouxinol.

O seu altíssimo valor ficou marcado no punhado de livros que nos deixou, e a sua bondade na ternura que sentia pelas crianças.

"A um pequerrucho a quem dava sempre alguma coisa — conta um amigo — viu-se um dia forçado a não entregar a moeda de cobre do costume.

" — Hoje não pode ser — explicava o poeta — não trago dinheiro.

"Sucedeu isto três vezes. A espórtula, avultada para êsse tempo, era um vintém. Ao quarto dia, radiante, Augusto Gil dirigiu-se ao pequeno. E êste, perfilando-se e estendendo a mão:

" — Já me deve quatro vintens.

Augusto Gil com um tostão pagou a dívida e os juros. E contava depois isto com o ar mais natural do mundo, convencido de que saldara um débito."

Foi sempre assim o nosso querido Augusto Gil. A sua formosíssima poesia "O nosso lar" define bem tóda a bondade que lhe doirava a alma de sonhador extremo, não só pelos seus que desejaría erguer acima das estrêlas, mas por todos os pobresinhos que deambulassem por êsse mundo:

*As portas sem degraus. Que sejam rentes
Da terra. Portas largas e rasgadas,
Convidativas, francas, atraentes;*

*Ao rés da terra, para as aleijadas
E os trôpegos velhinhos indigentes
Se não cansarem a subir escadas . . .*

*Amplas janelas para a natureza.
Que o sol, na sua clara irradiação,
Dissipe, através delas, a tristeza;*

*Amplas — e baixas. Quem precise pão,
E o vir da rua, sôbre a nossa mesa,
Que estenda o braço, que lhe lance a mão . . .*

Nunca deixou de ser, contudo, o orgulhoso serrano que defendia o seu direito de posse:

*Causei-te longas horas de amargura,
Não consegues voltar a ser feliz;
A chaga que te abri não terá cura,
E se curar — lá fica a cicatriz.*

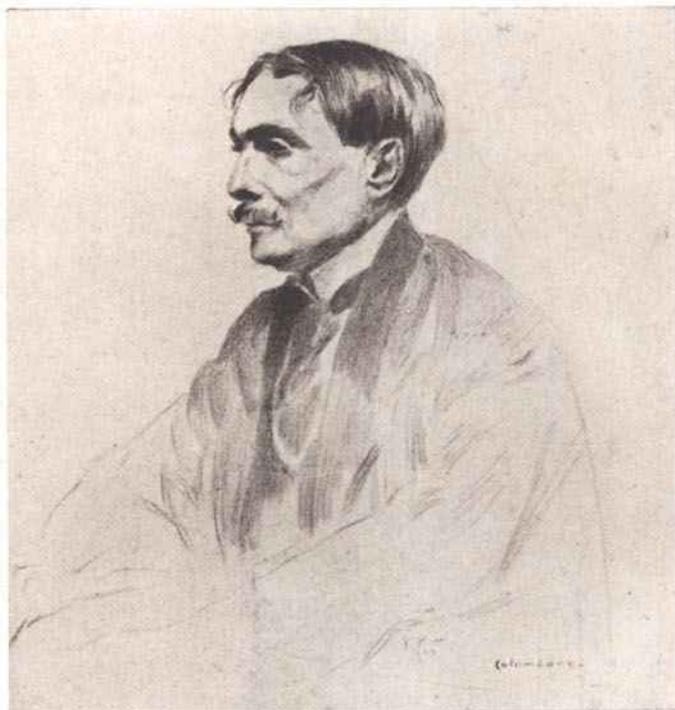
Era um serrano com a dignidade de um príncipe, e um príncipe com a ingenuidade de um serrano.

Assim viveu e assim morreu.

Naquela desoladora noite de Fevereiro em que morreu quis que lhe abrissem a janela do quarto para contemplar as estrêlas pela última vez. Depois, beijou sua mulher e, deixando descaír a cabeça no seu regaço carinhoso, rendeu a alma às paragens luminosas da *Alba Plena*.

Augusto Gil

Vai fazer sete anos



Augusto Gil — retrato por Columbano

que perdemos o nosso poeta, o autor delicioso dêsses versos . . .

*. . . tão ingênuos, tão sentidos,
que o povo humilde os acolheu e os canta.*

O seu túmulo lá está no alto da cidade da Guarda como o ninho duma águia que, durante a sua curta vida pelo mundo, soube sempre fitar o sol a direito.

Foi esta a divisa do poeta.

Entrando em mais pormenorizadas confidências, chegou a explicar a sua predilecção por êsse rincão bravo que tão bem se adaptava ao seu espírito inquieto.

E escreveu:

"Porque sou um sertanejo, a região portuguesa que prefiro é a parte central da Beira: com as suas montanhas desnudadas ao alto e ensombradas nas encostas por castanheiros solenes, pinheirais trágicos, olivedos melancólicos; com seus povoados sonolentos e aconchegados nas eminências, em torno de castelo em ruínas, ou na curva dos vales que um retalho de céu cobre; com as suas temperaturas extremas, de calores abrasantes no estio e ventos fortes, frios intensos, sudários de neve, no inverno."

Jaz na cidade da Guarda, o excelso poeta do *Luar de Janeiro*. Para o seu monumento não poderiam ter escolhido mais belo pedestal.

Dali continuará a dominar o país inteiro com a sua inspiração imortal e cada vez mais atraente e sugestiva.

É que quanto mais lêmos os livros de Augusto Gil, mais desejos sentimos de os voltar a lêr e decorar.





e os homens ainda, o não merecem.

É preciso que a rapariga, que casa, que se torna mulher, que procura a felicidade no seu lar, a encontrar, não como a fantasia a pôde architectar, mas sim, como a vida lhe oferece.

Tratar de encontrar o lado feliz da sua vida, cultivá-lo, desenvolvê-lo, sobretudo adaptar-se à vida como ela se proporcione sem exigir, nem procurar fora dela a felicidade que sonha.

Nunca querei remediar modificando a vida, abandonando os encargos, que Deus lhe deu, procurando eximir-se a cumprir o seu dever, e procurar a felicidade no precipício, que as rosas escondem, e onde nunca a encontra, porque a única felicidade verdadeira e completa que existe neste mundo consiste, no cumprimento do dever.

Em todas as vidas de mulher sejam elas casadas, solteiras ou viúvas, há horas de amargura, de lágrimas, de desgosto, de contrariedades, mas há também horas felizes, horas que valem vidas e sabem contentar-se com essa felicidade, sabem adaptar-se à vida e não fazer tragédias de pequenas coisas insignificantes, que não valem uma lágrima, e sobretudo, sendo infelizes por pequenas coisas não façam no lar o mal-estar, por uma simples questão, por uma insignificância.

Lembrem-se que a felicidade completa não pôde existir «neste vale de lágrimas», e, adaptando-se à vida, procurem dentro dela no cumprimento de todos os deveres, a felicidade que ela pôde dar, e dá, a quem a sabe viver.

A moda

Travemos sempre no modo, como o sai agora no dia e por isso a duração de modas e de vestidos. A vida da mulher moderna, da que faz uma vida intensa de desportos, de distrações, de vida de sociedade, implica um verdadeiro guarda-roupa. Não se faz «ski» com o mesmotrigo, com que se monta a cavalo, com que se patina, com que se joga o «tennis», ou se fazem visitas ou se vai a um jantar ou a um baile. Cada coisa exige uma «toilette» diferente e como em geral a mulher elegante não se contenta de ter só um vestido para cada coisa, é respeitável o número de vestidos, que cada mulher possui. Para o «ski» esse



Maria de Eça.

PÁGINA SFEMININAS

desporto tanto na moda e que já se faz com bastante entusiasmo na serra da Estrela damos hoje dois modelos que são tão elegantes, quanto a elegância feminina é compatível com esse traje. Um deles compõe-se dumas calças em gabardine azul escuro, blusa em malha bege com gola forrada a vermelho, «echave» de lá em várias cores. O outro é todo em gabardine azul, blusa abotoada até ao pescoço e «bonet apache» na mesma fazenda. Botas atacadas, em couro e solas pregueadas, completam esta clássica «toilette» das adoradoras de «ski» que tantas vão sendo.

Para a tarde temos uma linda «toilette» em pano castanho, composto de um vestido e casaco, guarnecido a pele de cordeiro que tanto está em moda. A novidade desta «toilette» consiste na maneira como está disposta a pele nas mangas e na forma da gola e bandas, que têm um corte muito interessante.

E para notar que estas bandas e estas mangas convêm muito às senhoras magras, e não são de aconselhar a senhoras fortes, porque aumentam muito o volume da «silhouette». Um engracado chapéu em feltro castanho, guarnecido com uma borla em «possemanerie» do mesmo tom, completam o lindo conjunto.

As peles reaparecem num verdadeiro triunfo, que justifica o frio. Mas os longos casacos de pele não tem já a aceitação, que os tinha tornado quasi indispensáveis nos últimos anos. O casaco de peles é agora usado até pouco abaixo do joelho como podem ver no lindo modelo que damos hoje.

Executado em pele de gazela é do mais gracioso efeito, completado com a pequenina «toque» na mesma pele. Este ano é do maior «chic» a «toque» em pele.

Para a noite damos uma linda capa em veludo preto, guarnecida a raposa, que é do mais gracioso efeito e tem a recomendação a gola que pode ser usada como «capuchon» evitando as nevalgias na cabeça a que se estava exposta, saindo de salas excessivamente quentes.

É usada sobre um vestido muito simples em

«crepe marocain» azul pálido, guarnecido apenas com botões na mesma seda franzidos.

Na simplicidade absoluta de que se compõe, e no entanto uma «toilette» de luxo, pela riqueza da pele que a guarnece, e, quasi forma a capa. É o melhor da moda actual. Luxo discreto e de bom gosto.

Higiene e beleza

Uma das coisas a que muitas senhoras não prestam a devida atenção é ao sabonete, que usam, e dele depende muito a conservação duma boa pele.

Deixem pois de se servir dum sabonete qualquer para lavar a cara e o corpo. Quem se banha e se lava todos os dias, que não faz trabalhos extraordinários, que não é carvoeira, nem estuadora, não necessita de fazer um uso excessivo de sabonete, apenas a quantidade suficiente para tirar a poeira e o excesso sebáceo produzido pelas glândulas.

Para isso deve fazer-se uma cuidadosa escolha do sabonete, que a nosa pelle melhor aceita. Deve ser um sabonete macio, dama marca conhecida, que tenha as matérias capazes de limpar a pele sem a seccar demasiadamente ou de a irritar. E não empregar quantidade excessiva.

A pele exige uma enorme limpeza mas nunca deve ser irritada pelo uso dum mau sabonete.

A mulher na Arte

O ressurgimento da Polónia livre é um facto que marca na civilização europeia. Em tudo se vê uma vida nova, uma energia renovadora.



A literatura polaca tem sido uma revelação, e a Arte tem hoje na Polónia quem a cultive com a maior proficiência.

Nas pintoras modernas e entre todas se salienta o de Sofia Stryjenska a grande artista que marcou com os seus «panneaux» no pavilhão polaco da Exposição de Artes Decorativas em Paris.

Modernista e impressionista, as obras de Sofia Stryjenska têm uma poesia infinita que muita vez, nos transporta à ingenuidade dos neogóticos.

A felicidade com que esta senhora ressuscita a beleza plástica das lendas que ela descobre, meio esquecidas já, assombra-nos. A sua série de quadros «Deuses calvos» fazem reviver toda a lenda polaca, toda a mitologia que se sente reviver nos cânticos polacos.

Na sua obra sente-se uma grande alma de artista e de patriota, que vibra com a maior sentimentalidade perante o belo.

O calçado e o seu tratamento

Uma dona de casa económica e poupada tem de saber conservar todos os objectos do seu uso e da sua família.

A verdadeira economia está em se conservar tudo em bom uso, e, não há objecto de vestuário sobre o qual mais se esteja e que mais se fatigue do que o calçado.

É não é tratado com o carinho que merece, não só pelos grandes serviços que presta, como também, pelos preços que atinja.

Nunca se deve começar a usar um par de sapatos novos com o tempo húmido. Devem extrair-se com o tempo seco e usá-los durante seis dias, para que a humidade natural dos pés e a graxa tornem o couro bem impermeável.

Os sapatos novos não são impermeáveis e onde entra a humidade uma vez entra sempre. Deve deixar-se descansar as botas ou os sapatos. Calçado que ande sempre e continuamente a uso dura pouco. O couro é poroso e elástico e como os vestidos, pede descanso para voltar ao seu lugar, depois de ter dado de si.

Quem possa fazê-lo, deve ter pelo menos dois pares de sapatos que serão usados alternadamente. E podendo ser devem deixar-se descansar uns dias.

Não se devem comprar sapatos à tarde; a essa hora os pés são maiores e os sapatos muito grandes extragem-se mais depressa.

A melhor hora para comprar calçado é pelo meio dia. Se não possuem uma forma devem encher os sapatos com papel de seda, principalmente quando estiverem molhados ou húmidos.

Deve lavar-se todos os meses a graxa e untar duas vezes e ficam com um brilho esplendido. De três em três semanas untar as solas com resina de pinheiro.

Tendo estes cuidados, o calçado dura o dobro sem se estragar, o que representa uma grande economia no orçamento familiar.

Receita de cosinha

Perna de carneiro à milanesa: Com as pernas de carneiro é preciso tomar muito cuidado e não esquecer de tirar a glândula, que dá mau cheiro e mau gosto. Deve também limpar-se muito bem de peles e gordura.



Depois de muito bem limpa, esfrega-se com sal, vinagre, cheiros, meio dente de alho e uma folha de louro. Unta-se muito bem com gordura de carne de boi ou de ganso e mantega; põe-se na frigideira e deixa-se-lhe um bom copo de vinho branco e umas cebolinhas pequenas das que as francesas chamam «challottes».

Enquanto assa é preciso de vez em quando untar a perna com manteiga, e juntar um pouco de caldo da panela, quando a frigideira estiver seca. Depois de assada deixa-se esfriar Batem-se dois ovos com que se cobre toda a perna, envolve-se em pão ralado e vai de novo ao forno até alourar muito bem.

De mulher para mulher

Marieta: É extraordinário o que o Carnaval preoccupa as raparigas. Efectivamente em Lisboa é quasi a única época em que há divertimentos e por isso é desculpável o seu entusiasmo. Para o seu tipo de moçeta forte tem na clássica espanhola um belo «travesti» ou no traje nacional de mexicana, que exige esse tipo.

Alite: Agradeço-lhe muito a sua gentileza e também eu lhe desejo as maiores felicidades em 1936. Para a sua «toilette» aconselho-lhe o vestido preto. É sempre o mais chic. O chapéu com uma «aigrette» ou «paradis» completará o conjunto.

Mãe descontentada: Creia, minha senhora, que a lamentação não compreendo, como perdeu de todo a influência na sua filha. Decerto mimo e indulgência demasiada, as piores coisas para as filhas. Mas aos 18 anos ainda está a tempo de ser modificada. O que é preciso é ser firme e fazer ver com calma e energia à sua filha que procede muito mal não atendendo ao seu mãe.

Pensamentos

Lutar é a força do homem; a dá mulher é seduzir pela meiguice e pela doçura.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

APURAMENTOS

N.º 42

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

EFONSA
N.º 21

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

SILENO
N.º 20

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 19, Efonsa.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 21 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávo, Cantente & C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Kábula, Magnate.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 16. — Salustiano, 14. — Rei-Luso, 14. — Só-Na-Fer, 14. — Só Lemos, 14. — Sonhador, 13. — João Tavares Pereira, 13. — Lamas & Silva, 11. — Salustiano, 11.

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 10. — Lisbon Syl, 9. — Aldeão, 8

DECIFRAÇÕES

1 — Ache-chega-achega. 2 — Contra-trair-contraír. 3 — Cheiro-rosa-cheirosa. 4 — Candi-Dido-cândido. 5 — Quebrado. 6 — Grulhado. 7 — Café. 8 — Valdomira. 9 — Galante. 10 — Tremido-tredo. 11 — Raposa-rasa. 12 — Tomado-todo. 13 — Vareira-vara. 14 — Frumento-fruto. 15 — Mamotamata. 16 — Aceso-aso. 17 — Resolver-rever. 18 — Rôlo-a-ão. 19 — Ella. 20 — Enojobia. 21 — A verdade é clara e a mentira sombra.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) É um verdadeiro *trambolhão* que dá tãda a gente que perde a *cabeça* quando se convence que há de enriquecer ao «jôgo». (2-2) 3.
Lisboa *Moreninha*
2) A *peessoa baixa e gorda* com muito *pudor* está sempre pronta para dar uma *bofetada* a quem a ofende. (2-2) 3.
Luanda *Ti-Beado*

NOVÍSSIMAS

3) *Conforme* te disse, o meu *quarto de dormir* é no *sólo*. 2-3.
Lisboa *Chim Pan Zé*
4) É «*encantador*» morrer *na cama* com um *desgosto*... 2-1.
Lisboa *Miss Diabo*
5) Uma *gota* de vinho é aquilo a que V. chama *pinga de vinho*? 2-1.
Lisboa *Dr. Magrinho*
6) A *repressão* do pensamento é *pena* igual à do *enclausurado*. 3-1.
S. Pôrto-Bié *Efonsa*
7) *Nesta terra* há uma *estrada* por onde se pode transitar com um *porquinho da Índia*. 1-2.
Luanda *Ti-Beado*
8) O *sabor picante* do peixe até me fêz deitar fora o *lanche*. 2-1.
Lisboa *Vina*

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 51

SINCOPIADAS

9) *Dilato*, mas não tanto como tu dizes no teu *cálculo*. 3-2.
Lisboa *Lérias*
10) A minha *namorada* é uma linda «mulher». 3-2.
Luanda *Ti-Beado*
11) Esta *almofada* é *ordinária*. 3-2.
Lisboa *Veiga*
12) É *boato falso* o barco mudar de *rumo*. 3-2.
Lisboa *Xis & Grego*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

13) No feminino
Mulher garrida
Aqui aprestando,
Não delambida.
No masculino
Ou na *primavera*,
E' fácil topar
Com uma fera.
No aumentativo
Verão um «*remeiro*»
Na sua faina
Sempre ligeiro.

Luanda *Ti-Breado*
14) Com três letras consoantes
Apreciem o que eu fiz
Depressinha, nuns instantes,
P'ra servir de *chamariz*.
Lisboa *To-My*

LONOGRIFO

(Aos *confrades africanistas*)

Hesitações entre o «*stertius gaudet...*» e «*as barbas do vizinho a arder.*»

15) «Amigos...» Um esperto audaz, *nobre*, arro-
gante 3, 1, 5, 7
E ambicioso pação.
O outro, opulento, inculto, habitando distante,
Nos confins do sertão.
Veio, há anos *atrás*, o inculto à capital 2, 4, 2, 7
Com grande luzimento.
Júbilo; apresentação no Palácio Real...
O eterno fingimento...

TRABALHOS DESENHADOS

25) ENIGMA FIGURADO



LEIRA MAGNATE

Invejoso de *marca*, o esperto diz con-
[sigo: 2, 1, 5, 7
«E' justo, porventura,
«Que» eu viva na *penúria* e aquele
[ignaro amigo 1, 2, 2, 1
Tenha bens com *fatura*?
«*Isso* não pode ser!» Desfez se da mo-
[bilta 1, 5, 5, 7
E, indo-lhe na *peçugada*,
Foi instalar-lhe em casa o grosso da
[família,
Pondo-o fora, à *môcada*.

Vizinhos, vendo a *acção*, disseram: «*isso* é feio...»
Mas irem apartá-los...
Esperem lá por *essa!*... Assalta-os o receio
Que lhes pisem os *calos*...

«É preciso *cuidado!*» Exclamam hesitantes, 7, 5, 6, 7
«Com *mêdo*, ou talvez *manha*;
«O caso é muito *sério*... E entre dois litigantes
O terceiro é que *apanha*.»
... O *despôjo*? A «*castanha*»?
Lisboa *Sileno*

MEFISTOFÉLICAS

16) Junte tudo bem *juninho*,
Excepto o que *fôr* pior,
Porque aqui neste *cantinho*
Não há nada *inferior*. (2-2) 3.
Lisboa *Kás Kassa*
17) Ninguém *suspeita*, *Maria*
Que me tenhas *entregado*
Os teus *lábios* algum dia,
Põe a *tristeza* de lado. (2-2) 3.
Lisboa *Kefórter Fatal*
18) Na minha *agrura* e *tristeza*
Apenas me dá *vontade*
De morrer, pois, com *franqueza*,
Já não creio na *amizade* (2-2) 3.
Lisboa *Vina*

NOVÍSSIMAS

19) Não é só mau cidadão
O que ao crime *se* habitua; — 1
Quem se *apossa* do alheio
Como sendo coisa sua.
Também é mau cidadão
Quem vendo a *pátria* em perigo — 2
Lhe recusa a sua vida,
Fugindo à cata de «*abrigo*».
Silva Pôrto-Bié *Efonsa*
20) Que carta a tua, meu amor!
Achas «*encantador*», — 2
E ris,
Sem dó, sequer,
Desta pobre mulher
Tão infeliz?
Na vida tudo passa... — 1
A sorte de hoje
Amanhã foge
E tudo em dor se afunda.
A tristeza que o meu rosto
Agora inunda
Será o teu *desgosto*
De algum dia.
Morrerá tua alegria,
Descansa!
Não deixa Deus os justos sem vingança!
Lisboa *Kossor*

21) Causam-me *enfado* os teus *lábios*, — 3
«Um» prazer *insidioso*... — 1
Bem disseram velhos *sábios*:
Desejo *fastidioso*...
Lisboa *Papo-Sêco*
22) *Repenica, repenica*, — 3
O' meu rico S. João...
A' *passagem* lá na *Bica* — 2
Da *marcha na perfeição*.
Lisboa *Sodargil*
23) Com teu *modo* sedutor — 2
Sómente fico *encantado*. — 1
Até julgo, meu amor,
Que é p'ra mim *apropriado*.
Lisboa *To-My*

SINCOPIADA

24) Como é linda a *madrugada*,
Quando roça na *folhagem*
Em bandos a *passarada*
E *perpassa* fresca *aragem*. — 3-2.
Santarém *Mister Anão*

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa.

Festa de Homenagem

Constituiu, como era de esperar, uma verdadeira parada de mundanismo, a recita realizada no teatro do Ginásio, na noite de 17 de Janeiro último, organizada pela empresa Lucília Simões-Erico Braga, em honra dos seus cronistas mundanos e nossos colegas de trabalho Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, dois incansáveis rapazes, que estão prontos sempre em colaborar em todas as festas de caridade, que as principais famílias da nossa primeira sociedade levam a efeito, que sem o precioso auxílio das suas secções mundanas dos jornais diários não teriam o brilho desejado. Abriu o espectáculo pela representação da peça «A Dama Branca» na qual a ilustre artista Lucília Simões, tem um soberbo trabalho, seguiu-se o a-propósito em um acto «Um serão em Queluz», em que gentilmente tomaram parte os principais elementos da brilhante companhia Lucília Simões-Erico Braga, um notável cantor de fados do «Retiro da Severa» Alberto Costa, e um grupo de gentis bailarinas do teatro Apolo cedidas gentilmente pela empresa José Loureiro, ensaiadas pela ilustre professora do Conservatório Nacional de Lisboa, sr.^a D. Encarnação Fernandes. No segundo intervalo os distintos artistas José Marques, guitarra, substituindo o Armando Freire (Armandinho), que se encontrava de cama, e Santos Moreira (viola), executaram algumas variações de fados, tendo todo o programa deixado a melhor impressão na selecta assistência que enchia por completo a linda sala do Ginásio.

Damos em seguida a nota da selecta assistência:

D. Maria do Carmo Conreiras Machado, Marquês de Fontes Pereira de Melo, Condessa de Castro Sela, Condessa de Monte Real, Condessa de São Tiago, Condessa de Idanha-a-Nova, Condessa de Castro, Condessa de Santar, Condessa de São Mamede, Viscondessa de Merceana, Viscondessa de Santa Margarida, Viscondessa de Tojal, Viscondessa de Atougua, Baroneza de Almeirim e filha, D. Jesuina Pereira dos Santos e filha, D. Josefa Conreiras, D. Alda Cabral Gentil e filha, D. Eugénia de Castelo Branco Alves Diniz, D. Virginia de Abreu Caráca, D. Sara Burnay Paiva de Andrade, D. Amélia de Vasconcelos Porto de Vilhena, D. Eivira de Macedo Dias Egas Moniz, D. Maria del Pilar Velasquez Fernandes de Oliveira e filhas, D. Rita de Somer Pereira, D. Izabel Gayri, D. Eugénia dos Santos Loureiro, D. Cecília Carbonilli de Arenas de Lima, D. Beatriz de Mendonça, D. Eliza da Costa Novaes, D. Atanazi de Brito e Abreu Crow, D. Ana Diniz de Melo Rego, D. Maria Joana de Brito e Abreu Portugal, D. Maria de Sande Aires de Campos (Amel), D. Maria Ernestina de Magalhães Monteiro de Carvalho, D. Adelina Santos, D. Estefania de Macedo Dias Macieira, D. Maria Luiza de Vasconcelos Porto Teles, D. Lidia de Castelo Branco Melo e filha, D. Emilia de Anciães Proença Pereira do Vale, D. Palmira da Costa e Silva, e filha, D. Júlia Camacho Santos, senhora de Carlos Eugénio Moutinho de Almeida e filha, D. Verdiana Paula Nogueira, D. Fanny Fonseca, D. Eliza Carneiro Bor-

dalo Pinheiro, D. Maria Clementina da Silva Carvalho Santos e filha, D. Felismina Cardim, D. Tomazia Ereira e filha, D. Berta Gaulart de Sousa Caldas Forte, D. Ema Torre do Vale, D. Beatriz Braga de Melo, D. Fernanda Bettencourt Moreira de Carvalho e filhas, D. Maria de Santana Benard Guedes, D. Nina de Andrade e filha, D. Maria Gomes Barbosa e filha, D. Laura Serzedelo Teixeira de Sousa, D. Maria Antónia Pinheiro Xavier e filhas, D. Eliza Talene Ferreira,

Luiza e D. Sára Maria de Serra e Moura de Lemos Lisboa, D. Maria Mateus dos Santos Tavares, D. Maria de Lourdes de Barros da Costa Belmarço, D. Maria Cecilia Lopes de Almeida e prima, D. Mariana e D. Maria Duarte Silva, D. Lidi-Ogando Amado, D. Maria Luiza Mateus dos Santos, D. Guilherme Marques Vieira e filha, D. Maria Braz Seabra da Costa e filhas, D. Maria Macieira de Barros, D. Maria de Quental, etc.

VIDA ELEGANTE

D. Ana Maria de Barros da Costa Moraes, D. Dulce Soares de Albergaria Lopes e filha, D. Ilda Xavier de Brito Barata, D. Alice Pereira de Carvalho de Brion, D. Maria Marg-rida Pignatelli Teles de Vasconcelos de Aguiar, D. Vera Ferreira Pinto Ribeiro da Cunha, D. Maria Leonor Corrêa de Sampaio Ferreira Roquete, D. Alice Ferreira Roquete, D. Maria de Freitas de Oliveira Pais, D. Judite Mendes da Costa Novaes e filhas, D. Izalide de Vasconcelos Salgado, D. Carmen Turnes, senhora de Jaime Costa e filha, D. Sara Costa Freire de Andrade de Eça, D. Maria Clara de Matos Fernandes de Vasconcelos e Sá, D. Maria Ana de Borja Trindade Dias e filha, D. Maria Luiza Bramão Reis do Carmo e Cunha, D. Maria Helena Bastos Gonçalves, D. Cora Costa, D. Maria Primitiva Fernandes Muñoz e filha, D. Maria Luiza Marana, D. Maria Adelaide Barros da Costa Serra, D. Ilda Gonçalves de Magalhães Coutinho, D. Maria da Guia Ferreira Patrio e filha, D. Emilia Pimentel, D. Felismina de Sousa d'Eiró, D. Raquel Pereira, D. Maria Henriqueta Abrantes Pereira, D. Laura de Abreu Reis Ferreira e filhas, D. Maria Herminia de Oliveira Pais, D. Maria Gezda Correia Marques, D. Margarida Querrial Macieira, D. Joane von Gingelon e filha, D. Palmira Lucas Torres, D. Elvira de Macedo, D. Ema Visier, D. Mary de Brito Keil, D. Maria das Dores da Silva Monteiro, D. Alice de Sousa Melo e filha, D. Olinda Maria Cortegaça Alves e filha, D. Eugénia Ribeiro da Silva, D. Maria Natália Leça da Veiga Pinto Coelho, D. Ana Cabral da Silva e filhas, D. Júlia Assis de Brito, D. Maria da Conceição Assis de Brito, D. Maria Cristina Olavo, D. Maria Rosa Dantas Rodrigues dos Santos, D. Adelaide Leitão Pereira da Cruz, D. Adelaide Atouguia Roque da Fonseca, D. Diva de Andrade, D. Adelia Diniz de Almeida, D. Lucinda da Conceição Pereira Graça, senhora do dr. Braga Paixão, D. Matilde Matoso dos Santos, D. Ilda da Costa Blanch, D. Maria da Glória Vaz Monteiro da Silva Avelar, D. Ida Fragoço Alcobia, D. Maria Amélia Aires de Campos de Barros Monteiro, D. Maria Vana da Fonseca de Barros Gomes, D. Maria Lucinda da Fonseca de Medeiros Antunes, D. Maria Lobato de Melo e sobrinha, D. Izaura de Castro Araujo de Santana, D. Adélia Borges de Carvalho, D. Maria de Saldanha Ramos Pinto, D. Maria José de Aboim de Quental, D. Maria Emilia Cabral da Silva Fernandes Tomaz, D. Eivira Bastos Vicente Ribeiro, D. Maria Regina Pereira do Vale Salgueiro da Costa, D. Maria de Sousa Machado da Rocha Leão e filha, D. Fernanda Pereira de Lacerda Pinto de Lima, D. Fernanda Soares Ramos da Silva, D. Virginia Lopes da Silva, D. Encarnação Pereira de Lima, D. Cora Costa, D. Adelia Palau de Reura, D. Maria Peixoto da Costa Felix, D. Alzira Marques da Costa Caneiro, D. Maria Rosalia da Cruz Sobral Marques da Costa, D. Corina Rosa Lima, D. Maria Helena Nobre da Costa, D. Maria Luiza Somer Ribeiro Guerreiro Nuno, D. Berta Figueiredo da Mota Marques, D. Marion Crow de Brito e Abreu, D. Maria Amélia Lucas Torres Farinha, D. Judite Benjamin Pinto, D. Maria Eugénia Olimpia de Seabra, senhora de Victor Fuschini, D. Beatriz Duarte Silva da Mota Marques, D. Maria Margarida Franco dos Santos, senhora de Auto-ino de Anciães Proença, D. Maria da Conceição Faraizo Duarte Mourão, D. Maria Cincinato da Costa, D. Maria Valente, D. Maria de Loreto Manoel de Borja Trindade, D. Fernanda Mantellana, D. Maria José de Sousa Rego, D. Maria de Faria, senhora de António Valentim de Sousa Rego e filha, D. Maria de Lourdes de Somer Ribeiro, D. Graçinda dos Anjos de Castro Araujo, D. Maria

Casamentos

Na paróquia de Santa Isabel, realizou-se com extraordinário brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Maria Cristina Peile da Costa Maia, gentil filha da sr.^a D. Augusta Gustava Peile da Costa Maia e do antigo oficial do exército brilhante escultor sr. Delfim Maia, com o sr. D. João Luiz Seabra da Câmara (Ribeira Grande), filho da sr.^a D. Maria Inês Seabra da Câmara e do saudoso clínico sr. dr. D. Vicente Zarco da Câmara (Ribeira Grande).

Foram madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Mónica de Vilhena de Almeida e Vasconcelos, e padrinhos o pai da noiva e os tios do noivo srs. Conde da Ribeira Grande e João Jacinto Seabra.

Serviram de caudatárias as meninas Raquel e Maria Luiza de Carvalho Monteiro e Maria Virginia Ripamonte Dantas Maia.

Presidiu ao acto o prior da freguezia, reverendo monsenhor Porfírio Cordeiro, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para a quinta das Glicínias, em Evora, onde foram passar a lua de mel.

Na assistência à cerimónia viam-se as seguintes pessoas:

Conde e Condessa da Torre e filha, Condessa de Tomar, Conde da Ribeira Grande, dr. Almeida e Vasconcelos, D. Mónica de Vilhena e Vasconcelos, João Jacinto Seabra, D. Mariana Correia de Sampaio de Seabra e filha, tenente coronel Alvaro de Cesar Mendonça e filha, Jorge Colação e D. Branca de Gonta Colação, João Reboredo de Oliveira (Tojal), D. Maria Margarida Seabra de Oliveira e filha, António de Carvalho Monteiro, D. Maria Luiza de Carvalho Monteiro e filha, Alfredo Fernandes Pereira, D. Irene de Gonta Ribeiro, major aviador, António de Sousa Maia, dr. Luiz Supício Pinto, D. Helena de Melo e Costa da Câmara e filha, Henrique de Castro Constâncio, D. Maria Figueira Freire da Câmara de Castro Constâncio e filhas, Eduardo Fernandes de Oliveira e D. Maria da Conceição Fernandes de Oliveira, D. António Cañero e D. Maria Cañero, D. João de Portugal e Castro e D. Maria Luiza Duff de Portugal e Castro, D. Cecilia Sequeira Nunes, dr. José de Almeida e Vasconcelos, D. Elza de Almeida e Vasconcelos, D. Alice Bustorff Silva, José Cassiano Neves e D. Leonor de Mascarenhas Neves, D. Ana Esteves de Vasconcelos e filha, D. Bernardo José da Costa Sousa de Macedo (Mesquitela), Lourenço de Casal Ribeiro e filha, D. Maria de Mendonça, D. Isabel Augusta Peile da Costa Pereira, D. Clarisse Horta e Costa de Mendonça, António de Almeida e Vasconcelos e D. Maria da Piedade Penala de Almeida e Vasconcelos, D. Maria Luiza Diogo da Silva Teixeira, D. Maria Inácia Vilardebó Chaves, D. Maria Ana da Costa Moraes e sobrinha, dr. João Manuel Bastos, dr. Tomaz Ribeiro Colação, D. Maria José Bessa de Sousa Maia e filhas, José Sepúlveda Velloso, D. Mariana de Sousa da Câmara Portocarrero de Melo Velho Cabral, D. Maria Clotilde Ripamonte Dantas Maia e filha, Lopo da Câmara Portocarrero Melo Velho Cabral, José Peile da Costa Pereira, D. Alice da Conceição Pereira, D. Maria do Amparo Mendes de Almeida Belo, Alberto da Câmara Portocarrero Melo Velho Cabral, dr. João Bastos, D. Maria Júlia da Horta e Costa Vasconcelos, D. Maria Emilia Seabra Roquete, Jorge de Mendonça, D. Francisco de Albuquerque (Mangualde), D. Vicente de Noronha da Câmara (Ribeira Grande), D. António de Portugal e Castro, Fausto de Albuquerque, D. Palmira Alves Ferreira, D. Isabel Parreira, D. Ana de Figueiredo Guimarães, D. Mercedes Ferreira de Mesquita, Lu z Peile da Costa Leiria Pinto, D. Palmira de Figueiredo, José da Câmara Portocarrero Melo Velho Cabral, D. Maria Filomena Correia de Sá (Assoca), D. Maria Margarida de Mascarenhas, Carlos Carneiro, D. Maria Júlia Vilardebó Granger, D. Maria Raquel de Potter Monteiro Ortega, D. Maria do Carmo de Carvalho Duff, João Sequiera Nunes, D. Maria da Conceição e D. Maria Emilia Seabra da Câmara (Ribeira Grande), D. Maria Luiza e D. Maria Tereza Freire Torres, D. Maria Helena Correia Pereira, João Roquete, António de Padua Peile da Costa Parreira (Tavira), etc.

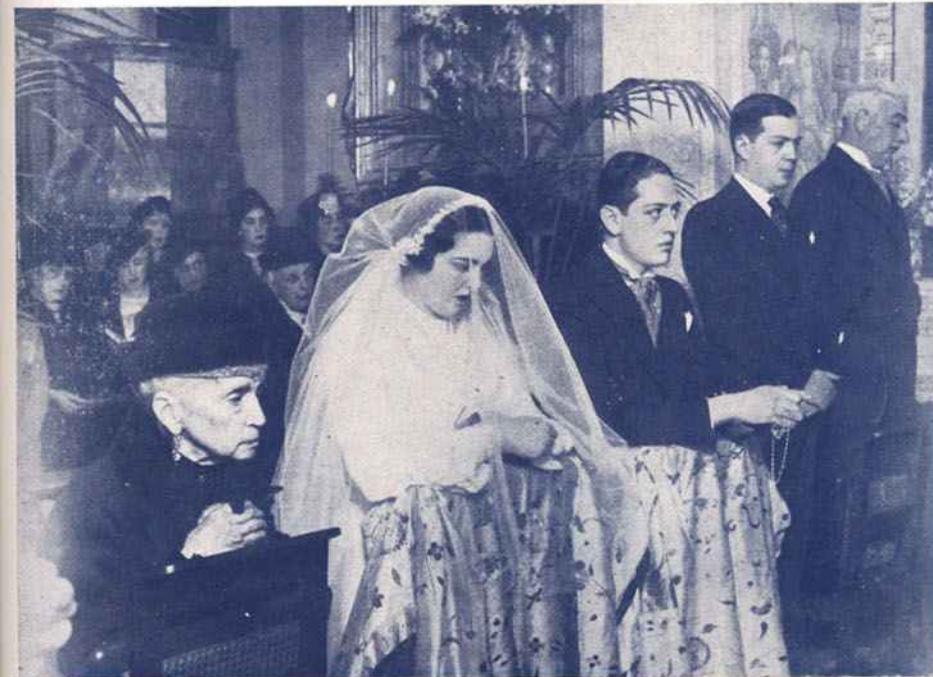
Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Na paróquia dos Santos Reis, ao Campo Vinto Oito de Maio, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria da Assunção Queiroz Salazar de Sousa, interessante filha da sr.^a D. Maria Tereza Queiroz Salazar de Sousa e do ilustre professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, sr. dr. J. Salazar de Sousa, com o sr. Oscar de Oliveira Machado, filho da sr.^a D. Tereza Tavares Machado e do falecido engenheiro sr. Tavares Machado.

Foram padrinhos por parte da noiva, seus pais e por parte do noivo o sr. dr. Silvestre de Almeida e esposa.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles» recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

D. Nuno.



Casamento da sr.^a D. Maria Cristina Peile da Costa Maia, com o sr. D. João Luis de Seabra da Câmara (Ribeira Grande), realizado na paróquia de Santa Isabel.



tornava infinitamente sedutora aos olhos dos homens, que apreciavam o seu ar tímido, que lhes permitia esse ar de proteção, que é a sua grande aspiração junto da mulher, e que a rapariga desembaraçada de hoje, habituada a arrostar todos os perigos, dispensa por completo.

Proteger é natural ao homem e a mulher de antes achava naturalíssimo ser protegida e dirigida, sentia a absoluta necessidade dum amparo, que encontrava solícito no seu companheiro de vida.

Hoje a mulher sente-se capaz de tudo, não sente necessidade de proteção e não suspira, por um braço forte que a ampare. O seu braço admiravelmente modelado pelo desporto, tem a força precisa para a defender. O seu passo elástico

CADA época tem o seu tipo de mulher a que a moda se adapta. A moda inventa coisas, mas em geral adopta modas passadas à época presente. Não é pois para admirar que às vezes haja um certo choque entre as ideias e a vida da mulher que vive a sua época, e, os trajos que se vê obrigada a envergar pela ditadora inflexível.

Esse contraste marca agora mais do que nunca. A mulher moderna, desportista, arrapazada, nos seus modos e nos seus hábitos, fumadora, frequentando "bars", não desdenhando o "cocktail", como bebida preferida, habituada a usar da sua liberdade, vê-se à noite, usando vestidos que assentariam muito melhor no fragil e debil corpo duma romântica de 1830, do que no seu musculado corpo, que o "ski", a patinagem, o "tennis", a natação e todos os desportos têm tornado flexível, mas de movimentos enérgicos e um tanto viris, que se não harmonizam muita vez com os vestidos "à falbalas", em tule e gazes.

O cigarro e o "cocktail" contrastam atrozmente com certos vestidos, que implicam uma atitude de compostura, que há vinte anos desapareceu de todos nos modos femininos, ainda mesmo nos das mulheres mais correctas e distintas.

A mulher tinha antigamente na sua atitude um aspecto profundamente recatado, que lhe dava um grande encanto, que a

e decidido nada tem que ver com o andar vacilante das suas avós. O seu pé calçado em fortes sapatos de sola de borracha e em fortes sapatos de sola de borracha e sustentada firme, o que não sucedia ao delicado pé de nossas avós calçado de dura-pela preto.

A mulher delicada, fina, duma sensibilidade doentia que por 1856 inspirava aos poetas, versos duma melancolia infinita, cujos olhos tristes e suaves, incendiavam os corações, com os delicados pescoços vergando ao peso das volumosas tranças e o seu ar submisso de uma gentileza infinita, em nada se parece com a mulher de hoje, senhora de suas acções e aspirando a uma liberdade completa, a direitos iguais aos do homem, a viver a sua vida.

Camarada do homem, ela não pre-



VESTIDOS E IDEIAS

A mulher e a sua época

Contrastes entre a moda e os hábitos femininos

cisa de forma alguma da sua protecção, associada à sua vida não quer ser protegida, mas sim ter o direito de fazer tudo o que quer.

E a moda tenta impor à mulher de hoje, os românticos cabelos compridos, as longas tranças, os amplos vestidos com saias de metros e metros de fazenda e quem sabe até se a "tournure", que nessa época desfigurava a linha graciosa dos corpos femininos?

Esta aspiração da moda vai cair com certeza e não o lamentemos porque são coisas lindas para admirar nos antigos retratos, mas da maior incomodidade, no uso quotidiano.

A mulher pode transigir algumas horas com o vestido da noite envergar o mais complicado vestido, mas certos vestidos e penteados são incompatíveis com a vida

moderna. Depois de passar um dia inteiro a fazer "ski", no ar puro duma altitude respeitável, envergando um traço masculino, que a não deixa distinguir dos rapazes que a acompanham, a mulher que veste um vestido extremamente complicado, tem um ar pouco à vontade, que é engraçado de observar. Tanto à vontade ela estava horas antes vestindo as suas calças de gabardine, calçando as suas botas de sola pregueada, como constrangida está, com o complicado vestido e os tacões altos. É extraordinária talvez esta tendência da mulher moderna para o traço masculino, mas constata-se que assim é, observando os grupos de desportistas, que enxameiam durante o inverno nas estações elegantes das altitudes, ao vê-las a bordo do seu "yacht", envergando as calças de flanela branca e jaqueta azul escuro, e, vendo nas ruas de Londres, nos dias de calor, raparigas de calça de mescla cinzenta e blusas de seda branca, que se confundem com as camisas masculinas.

E a contemplarmos os retratos das elegantes de outros tempos com os seus rígidos e rodados vestidos de seda forte de dia, ou com os seus vaporosos e rodados vestidos de noite, consteladas de brilhantes as lindas cabeças; com o seu ar tímido de mulheres delicadas e frageis, ou a arrogância, da altivez de quem sabe os preitos que à sua beleza são devidos,



não os pode imaginar fazendo desporto, lado a lado, com os homens excedendo-os muitas vezes nas suas proezas, vestindo o mesmo trajo, e fumando os mesmos cigarros.

Não, a mulher da época romântica em nada se parece com a mulher de hoje. E se era para desejar então, que a mulher perdesse um pouco da sua timidez quasi infantil, e da sua submissão quasi de escrava, hoje é também para desejar, que a mulher perca alguns dos seus hábitos masculinos e ficando com o desembaraço

energia que a vida moderna exige, seja ainda mulher, não se esqueça de que o seu maior encanto é a sua gentileza, e que o "cocktail" e o cigarro a todo o momento, são mais próprios para os homens.

Nem a timidez excessiva de dantes, nem os excessos de hoje.

A mulher deve estar com a sua época, mas dentro dela, deve ser feminina, delicada, gentil e sobretudo mulher.

O homem de hoje gosta da sua camarada, mas não tem para ela os disvelos do homem de outrora, que tão cavalheiresco era para a mulher tímida a quem amparava o passo vacilante.

Será isso uma van-



tagem ou um inconveniente? As opiniões divergem. Ciosa da sua independência e das prerogativas que conquistou, mas a que ainda não está habituada, a mulher manifesta uma indiferença afectada por essas deferências masculinas que se lhe afiguram um reconhecimento humilhante da superioridade do homem.

Mas passada a presente idade heroica das reivindicações femininas, virá a natural reacção. A mulher habituar-se-á à ideia de que pode manter-se ao mais honroso pé de igualdade com o homem, sendo simultaneamente bem feminina. Tudo vai do conceito que se fizer da igualdade: e fazer intervir no cálculo o factor da força física e da violência não é pensar com acerto.

É noutro sentido bem diverso que a mulher tem de procurar a conquista dos seus direitos. E nada a impede então de conservar a generosidade que têm feito o encanto do seu sexo em todas as épocas e sôb todas as latitudes.

PIMIDE PESTA

O animal despedaçado

(Solução)



O *bibelot*, que caiu da estante, representava, como se vê, apenas a cabeça, um tanto convencional, de um cão de caça.

Bridge

(Problema)

Espadas — 10, 8, 3.
Copas — A., D., 9, 4.
Ouros — V., 9.
Paus — A., 5.

Espadas — V., 5. **N** Espadas — D., 9.
Copas — R., 8, 6, 2. **O** Copas — 10, 7, 5.
Ouros — 10. **E** Ouros — R., 7, 5.
Paus — D., 7, 6, 4. **S** Paus — 10, 9, 2.
Espadas — R., 7.
Copas — V., 3.
Ouros — A., 8, 2.
Paus — R., V., 8, 3.

Sem trunfo. Joga S e dá apenas uma vasa.



Ela: — Que empenho tem você em querer adivinhar a minha idade?
Ele: — Queria, apenas, saber qual a idade em que uma mulher é mais fascinadora.

(«Il Travaso» (Roma).

(Solução do número anterior)

S joga 4 de copas e N faz o Valete e joga o 3 de espadas.

S faz Dama de espadas e joga 8 de copas que N corta com o 5 de espadas.

N joga Az de espadas e S balda-se a 7 de paus.

N joga Rei de espadas e S balda-se a 8 de paus.

N joga 3 de paus. Se E entra com Rei de paus, S balda-se á Dama de copas, E faz o 10 de copas e N o 6 de paus e 10 de paus.

Se E não entra do Rei de paus S balda-se ao 2 de ouros, O faz a Dama de paus e Az de ouros e S o Valete de ouros e Dama de copas.

Xadrez

(Solução)

1 C — 5 CD	2 B — 2 R	3 C — +
R × C	R — 5 T	M
— — — —	P — 4 C	B — 2 R +
P — 5 T	P × P (na passagem)	M
	— — — —	B — 2 R +
	R × C	M

As pontas de linha

(Problema)

Apanhámos, junto dum cesto de costura, um certo número de pontas de linha, que mandámos fotografar e aqui estão reproduzidas.



Queiram agora os nossos leitores, e principalmente as nossas leitoras, descobrir quantos são os pedaços de linha e qual deles é o mais comprido.

Simplicidade de rainha

É raro existir uma rainha com hábitos mais simples do que a rainha Helena de Itália.

Tem sido uma mãe de família admirável, consagrando a sua vida à educação de seu filho e suas quatro filhas. A sua caridade para com os pobres é proverbial. Vai muitas vezes dum lado para o outro, em automóvel, sem aparato algum.

Em agosto de 1935, passou uns dias em França, na Costa Azul, junto da fronteira italiana, onde foi visitar sua irmã, a grã-duquesa, viuva de Nicolau da Rússia que se encontrava doente.

Muito democráticamente, a rainha fazia o trajecto entre a sua residência, em Nice, e a casa de sua irmã, de autobus. Uma única cousa a a tornava notada: era a generosidade das suas gorge-tas!

Revelação do Segredo da Influência Pessoal

Método simples que toda a gente pode empregar para desenvolver as forças do magnetismo pessoal, a memória, a concentração e a força de vontade, e para corrigir os hábitos perniciosos por meio da maravilhosa ciência da Sugestão. Livro de 80 páginas descrevendo detalhadamente este método único, bem como um estudo psicoanalítico do carácter, mandados GRATUITAMENTE a quem escrever imediatamente.

«Seja qual for a forma como elle se manifeste, o medo, é responsável pela metade dos insucessos, das tristezas e das misérias deste mundo» declara um iminente psicólogo, o Professor Elmer E. Knowles. «O costume de se ralar», continua o professor «desenvolveu-se rapidamente devido à tensão dos tempos modernos e tornou-se o mais perigoso inimigo da humanidade; elle mina as mais robustas constituições, enche de fel as melhores disposições e suprime da vida das suas infelizes vítimas, os cantos e os risos». Mas, diz o Professor Knowles, existe contra estas traiçoeiras desvantagens um remédio seguro que cada um pode empregar na intimidade do seu próprio interior. O seu novo livro intitulado «A Chave do Desenvolvimento das Forças Interiores», que acaba de ser editado para uma distribuição gratuita, descreve um método simples e certo para vencer a impressão de inferioridade, a timidez, a ignorância de si-mesmo, a falta de idéas sociáveis e a sensação de mal-estar perante pessoas estranhas.

Explica como estas sérias desvantagens podem ser substituídas pela confiança em si, a vontade e a força de carácter; como o magnetismo pessoal, a influência pessoal, o encanto físico e mental assim como a memória e a concentração podem facilmente serem obtidos.



D. C. Houlding.

M. D. C. Houlding escreve: «A vossa inspiração fez de mim um novo homem, o meu poder de concentração e dominio de mim mesmo tendo-se melhorado extraordinariamente. Destes-me a confiança em mim próprio e tendes-me permitido exercer uma notável influência sobre os outros. Desde pouco, os meus successos foram tão remarcáveis como o tinham sido antes os insucessos. Este livro espalhado gratuitamente e em larga escala, é rico em reproduções fotograficas, demonstrando como estas forças invisíveis são utilizadas em todo o mundo, e como milhares de pessoas desenvolveram certas faculdades cuja posse estavam longe de supor. A distribuição gratuita de 10.000 exemplares foi confiada a uma grande Instituição de Bruxelas e um exemplar será remetido gratuitamente a quem fizer o respectivo pedido.

Além da distribuição graciosa do livro, será igualmente enviado a toda a gente que escrever imediatamente, um estudo do seu carácter. Este estudo preparado pelo Prof. Knowles contém 400 a 500 palavras. Se deseja pôr receber um exemplar do livro do Prof. Knowles e o estudo do seu carácter, copie simplesmente com a sua própria mão as seguintes linhas:

«Quero o poder do espirito,
A força e o poder no meu olhar,
Queira ler o meu carácter
E mandar-me o seu livro.»

Escreva muito legivelmente o seu nome e endereço completo (indicando Senhor ou Senhora, e dirija a sua carta à PSYCHOLOGY FOUNDATION, S. A. Distribuição gratuita (Dept. 6045-C.), Rua de Londres, 18, Bruxelas, Bélgica. Se quiser, pode juntar à sua carta Esc. 2.70 em selos do correio do seu país, para a despeza com a franquia, etc. Preste atenção a que a sua carta venha com o selo suficiente. A franquia para a Bélgica é Esc. 1.75.

N. B.—A «PSYCHOLOGY FOUNDATION» é uma casa editora desde muitos anos. Pela distribuição dos seus úteis livros e brochuras tratando de questões psicologicas e mentais, ella conseguiu arranjar inumeráveis amigos. Mais de 40 professores universitários contribuíram nas suas edições e todos os trabalhos pelos quais um preço é fixado, são vendidos com a garantia de satisfação ou de reembolso.

SAGRES



Aspecto do edifício na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES : 2 4171 - 2 4172 - P. X. B.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

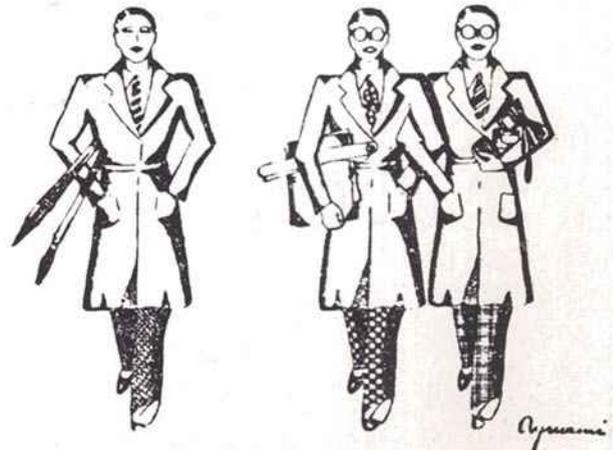


Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1368

**BERTRAND
IRMÃOS, L.^{DA}**

TRAVESSA DA COMDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

À VENDA O 5.º MILHAR

JÚLIO DANTAS

AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS — Pan e as mulheres — As inimigas do homem — Terceiro sexo — Jus sufragil — A mulher diplomata — As ideias de Madame Agata — A mulher soldado — Delegadas a Gênebra — As calças de Eva — O eleitorado das avós — A mulher jornalista — O problema do amor — Nupcias em avião — Os pais-amas — O exemplo da China — Gentlemen prefer blondes — As revolucionárias do golf — Juris-consultos de saias — Eva standardizada — As sinistradas da bezeza — É preciso ser bela para ser feliz? Mademoiselle Zuca — A idade dos joelhos — Nudistas : : — A dama do pijama verde — As amigas do homem : :

1 volume de 312 páginas, brochado 12\$00 — encadernado 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda o 3.º milhar da

ALEMANHA ENSANGÜENTADA

POR AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 312 páginas, com capa ilustrada do pintor Roberto, brochado 12\$00

Um livro destinado a um grande sucesso, pois ao nome glorioso do brilhante escritor português, se aia o tema sempre interessante da Grande Guerra. — A vida alemã — Berlim. — Da guerra para a paz, soberbamente descrita por AQUILINO RIBEIRO

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume. — Alexandre Herculano, um volume. — Antero de Figueiredo, um volume. — Augusto Gil, um volume. — Camões lírico, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes. — Eça de Queirós, dois volumes. — Fernão Lopes, três volumes. — Frei Luís de Sousa, um volume. — Guerra Junqueiro, verso e prosa, um volume. — João de Barros, um volume. — Lucena, dois volumes. — Manuel Bernardes, dois volumes. — Paladinos da linguagem, três volumes. — Trancoso, um volume.

Em preparação: Camões lírico, 5.º volume.

Cada volume brochado. 12\$00

Cada volume encadernado. 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

O Bêbé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM ROMANCE FORMIDÁVEL!

SEXO FORTE

por **SAMUEL MAIA**

3.ª ed. — Este romance de Samuel Maia, dum vigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, espécie de génio sexual (na expressão feliz do neuriatra Tanzi), de cujo corpo parece exalar-se um fluido que atrai, perturba e endoidece todas as mulheres. Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os escritores contemporâneos — *Júlio Dantas.*

1 volume de 288 páginas, broch. **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Um novo livro do grande escritor Aquilino Ribeiro

Quando ao gavião cai a pena

1 vol. de 272 págs. **Esc. 12\$00**; pelo correio à cobrança **Esc. 13\$50**

Pedidos aos Editores **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado.....	10\$00
Eurico, o presbítero , (Romance). — 388 páginas, brochado.....	10\$00
O monge de Cister , (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado	20\$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado.....	20\$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado.....	96\$00
Estudos sobre o casamento civil — 284 páginas, brochado	10\$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado.....	30\$00
Composições várias — 374 páginas, brochado.....	10\$00
Poesias — 224 páginas, brochado.....	10\$00
Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado.....	20\$00

Opúsculos:

Vol. I Questões públicas — tomo I, 311 páginas	
» II Questões públicas — tomo II, 341 páginas	
» III Controvérsias e estudos históricos — tomo I, 339 páginas	
» IV Questões públicas — tomo III, 300 páginas	
» V Controvérsias e estudos históricos — tomo II, 323 páginas	
» VI Controvérsias e estudos históricos — tomo III, 309 páginas	
» VII Questões públicas — tomo IV, 294 páginas	
» VIII Questões públicas — tomo V, 324 páginas	
» IX Literatura — tomo I, 295 páginas	
» X Questões públicas — tomo VI, 310 páginas	

Cada volume, brochado..... 10\$00

Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado..... 12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

À venda a 5.^a edição dos

Motores de Explosão

(COMBUSTÃO INTERNA)

pelo Engenheiro ANTÓNIO MENDES BARATA

Edição actualizada, tratando de todos os tipos de motores Diesel, e apresentando alguns tipos de novos carburadores. Este volume faz parte da magnífica Biblioteca de Instrução Profissional.

1 vol. de 516 págs. com 490 gravuras, encadernado em percalina

Esc. 30\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 5.^a edição actualizada
DE

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

DA Biblioteca de Instrução Profissional

pelo engenheiro João Emílio dos Santos Segurado

Considerações gerais. Pedras de construção, aviamentos, cal, areias, pozolanas, gessos e produtos cerâmicos, madeiras para construções, ferro, metais e substâncias diversas, etc.

1 vol. de 558 págs., com 45 tabelas e 300 gravuras, encadernado em percalina **30\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., 17\$00; broc., 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, 73, R. Garrett, 75 — LISBOA

As edições da **LIVRARIA BERTRAND**, encontram-se à venda na **Minerva Central** — Rua Consiglieri Pedroso
Caixa postal 212 **LOURENÇO MARQUES**

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas mais eminentes figuras da especialidade, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
 " " " " carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	15\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br.	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
 Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

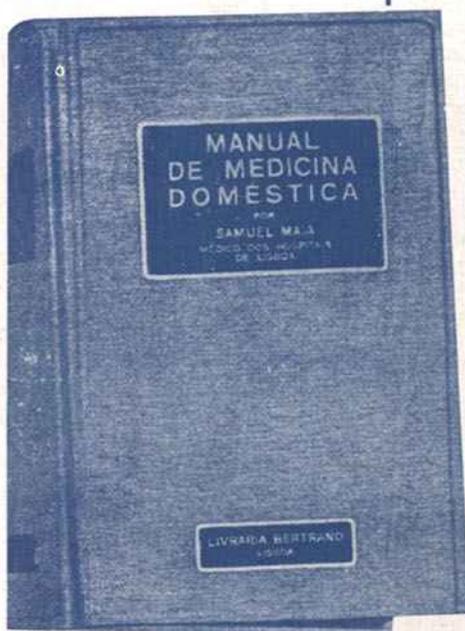
E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

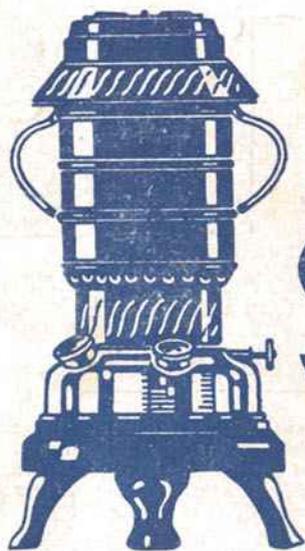
Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



Elegantes

Os VACUUM 99 não voam — mas são tão elegantes quanto o podem ser Caloríferos a Petróleo de preço módico.



Só são "Caloríferos Vacuum 99" aqueles que têm gravada a marca VACUUM



Gastam pouco — Grande rendimento térmico — Servem para cozinhar — Há-os de várias côres.

Calorifero VACUUM 99

USAR PETRÓLEO
SUNFLOWER